



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

GEISIELEN SANTANA VALSECHI

**VESTIBULAR, ESTUDO DE CASO:
PROSÓDIA NA TRADUÇÃO PARA LIBRAS**

**FLORIANÓPOLIS
2015**

GEISIELEN SANTANA VALSECHI

**VESTIBULAR, ESTUDO DE CASO:
PROSÓDIA NA TRADUÇÃO PARA LIBRAS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Regina e Souza Campello

**FLORIANÓPOLIS
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Valsechi, Geisielen Santana.

Vestibular, estudo de caso: Prosódia na tradução para Libras /
Geisielen Santana Valsechi; orientador, Ana Regina e Souza
Campello - Florianópolis, SC, 2015.
123 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Prosódia. 2. Tradução e Interpretação. 3. Provas. 4.
Padronização. 5. Metodologia. 6. Análise. I. Campello, Ana Regina
e Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Vestibular, estudo de
caso: Prosódia na tradução para Libras. IV. Título.

GEISIELEN SANTANA VALSECHI

**VESTIBULAR, ESTUDO DE CASO:
PROSÓDIA NA TRADUÇÃO PARA LIBRAS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 02 de julho de 2015.

Prof^ª. Dr^ª. Andréia Guerini

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Regina e Souza Campello (Orientadora e presidente)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^ª. Dr^ª. Aline Lemos Pizzio (Membro interno)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^ª. Dr^ª. Janine Soares de Oliveira (Membro interno)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia Vasconcellos (Membro interno)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^ª. Dr^ª. Rachel Sutton-Spence (Membro interno)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

*Dedico carinhosamente este trabalho
a Deus e a minha família, por me
ajudarem a atingir os meus objetivos,
valorizando meus estudos e minha
busca pelo caminho do conhecimento.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente ao Senhor Deus pela proteção nos momentos de estudo durante esta pesquisa. E o Espírito Santo esteve comigo, carregando meu coração com sua sabedoria e proteção, sem largar das minhas mãos. O versículo da palavra do Senhor que mais admiro é: *“A pessoa que espera no Senhor, renova suas forças. Voa alto como águia, corre e não fica exausto, anda e não se cansa.”* Isaías 40:31. E eu acreditei e consegui finalizar a pesquisa, cumprir o Mestrado e alcançar esta vitória!

Agradeço à minha família pelo carinho e pela torcida para que eu conseguisse terminar a minha pesquisa e o Mestrado. Na fase de minha adolescência vivi momentos difíceis, na escola inclusiva e na faculdade de Pedagogia. Queria largar tudo, mas vocês me deram um grande apoio e os melhores conselhos. Assim, segui a caminhada de estudos e até cheguei aqui. Obrigada! E ainda quero seguir um novo caminho.

Agradeço ao João Raphael, meu esposo, pela paciência e por saber respeitar o tempo de que eu necessitava para fazer a pesquisa. Obrigada!

Agradeço à minha orientadora, Ana Regina e Souza Campello, porque aceitou fazer a orientação da minha pesquisa. Durante seu acompanhamento, foi me dando as sugestões que me desafiaram a buscar os conhecimentos e as reflexões acerca da Língua Brasileira de Sinais, entre outros estudos. Agradeço o que você fez por mim, não só pelos ensinamentos, mas também pelos conselhos para entrar nas lutas pelo mundo surdo.

Agradeço às universidades federais, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Tocantins (UFT) e Universidade de Brasília (UNB), e à estadual, Universidade Estadual de Londrina (UEL), por fornecerem o material de vestibulares com a tradução para Libras.

Agradeço aos professores da PGET - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, por orientarem o foco das leituras e dar sugestões e ideias ao trabalho, o que motivou muitas discussões sobre as teorias da tradução.

Agradeço aos professores que aceitaram avaliar a minha qualificação, Doutora Aline Lemos Pizzio, Doutora Silvana Aguiar dos Santos e Doutor Markus Johannes Weininger. Vocês foram os meus melhores desafiadores, fazendo-me rever pensamentos e buscar novos

exemplos. Isso não me fez desistir, mas sim, querer buscar mais perspectivas. Obrigada!

Agradeço por também terem aceitado participar na banca examinadora de defesa, às professoras doutoras da UFSC que participaram na avaliação da minha pesquisa. Obrigada Aline Pizzio, Janine Soares de Oliveira, Maria Lúcia Vasconcellos e Rachel Sutton-Spence.

Agradeço à Vera Lucia Barbosa, pela correção linguística, pela sua paciência e incentivo para superar as dificuldades da pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET, pelo período de estudo e oportunidades de crescimento acadêmico.

E agradeço os financiamentos recebidos quando era bolsista da CAPES. Após a minha qualificação, tive que sair da CAPES, por ter conseguido trabalho efetivo no Colégio de Aplicação UFSC. Mais um sonho realizado!

A todos, obrigada!

RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos uma pesquisa investigativa sobre a necessidade de padronizar as metodologias de uso da prosódia na tradução para Libras, do texto da Língua Fonte (LF) para a Língua Alvo (LA), nos vestibulares brasileiros. O desenvolvimento deste trabalho foi baseado na leitura de teorias, análise de prosódia e análise das provas, em vídeo, de vestibulares em quatro universidades federais, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade de Brasília (UnB), e de uma universidade estadual, Universidade Estadual de Londrina (UEL), com o intuito de detectar o nível de clareza e a influência da prosódia utilizada nos diferentes recursos de tradução. As análises foram focadas nas universidades que oferecem tradução/interpretação para Libras, como a UFSC, no curso de Letras/Libras desde 2006. A UFG também oferecia a prova com tradução desde 2012, e a UEL ofereceu a prova diferenciada no vestibular, com tradução para Libras em vídeo, pela primeira vez em 2012. Atualmente as universidades federais (UFT) e (UnB) também apresentam as traduções para Libras nas provas de vestibulares do curso de Letras/Libras, cujos vídeos serão aqui analisados. A pesquisa também aponta os caminhos de lutas da comunidade surda com relação aos direitos de adaptação das provas nos vestibulares. O direito do surdo é o de ser atendido em sua língua natural, a Língua Brasileira de Sinais – Libras (L1), e depois na Língua Portuguesa (L2), sua segunda língua. Além disso, os resultados da pesquisa destacam propriedades da Libras, dentro da proposta de categorizar os elementos prosódicos: datilologia, olhos, boca e classificador/descrição imagética, contribuindo para a qualidade visual da tradução nas provas vestibulares, pois se faz necessário buscar os aspectos prosódicos para uma boa visualização dos tradutores. Concluindo essa proposta acerca dos aspectos prosódicos, o desafio é de apresentar as comparações das categorias e a análise da prosódia contida nas provas em vídeo, a fim de problematizar e propor o cumprimento do direito por meio da efetivação da Lei nº 10.436, numa clara busca pelo respeito à língua e à cultura surda, em mais este campo de atuação e de direito destes indivíduos.

Palavras-Chave: Prova de vestibular. Prosódia. Língua Portuguesa. Língua Brasileira de Sinais. Tradução/Interpretação.

ABSTRACT

In this thesis we present an investigative research about the need to standardize the methodologies of prosody use in translation for Libras, of the text of the Source Language to the Target Language, in Brazilian vestibulars. The development of this work was based on readings of theories, prosody analysis videos used in college entrance exams of four federal universities, Federal University of Santa Catarina (UFSC), Federal University of Goiás (UFG), Federal University of Tocantins (UFT) and University of Brasília (UnB), and one state university, State University of Londrina (UEL), in order to identify the level clarity and the role of prosody in different translation resources. The analyses focused on the universities that offer the college entrance exam translated/interpreted to Brazilian Sign Language like UFSC, in the admission process to Sign Language Studies Course since 2006, and the case of UFG, that has provided the translated exam since 2012. Also, UEL that provided a differentiated test translated to Brazilian Sign Language by means of videos for the first time in 2012. Currently the federal universities (UFT) and (UnB) also have translations for Libras in tests of vestibular course Letras/Libras, whose videos will be analyzed here. This research also points to ways for fighting for accessibility rights by the deaf community regarding admission to universities. The deaf have the right to be served in their natural language, the Brazilian Sign Language – Libras (L1), and then in Portuguese (L2), their second language. In addition, the survey results highlight properties of Libras within the proposed categorizing the prosodic elements: dactylology, eyes, mouth and classifier/description imagery, contributing to the visual quality of the translation in the vestibular tests, because it is necessary to seek prosodic aspects for a good visualization of translators. Completing this proposal about the prosodic aspects, the challenge is to present the comparisons of categories and analysis of the categories of prosody contained in the video evidence, to discuss and propose the compliance of the right through the adoption of Law no. 10,436, a clear search by respect to the language and deaf culture, in this action field and the right of these individuals.

Key-words: College Entrance Exam. Prosody. Portuguese Language. Brazilian Sign Language. Translation/Interpretation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Edital do vestibular da UFSC/2014, traduzido em Libras.....	57
Figura 02	Edital do vestibular da UFSC/2014, traduzido em Libras.....	57
Figura 03	Edital do vestibular da UFSM/2011, traduzido em Libras.....	58
Figura 04	Edital do vestibular da UFSM/2012, traduzido em Libras.....	60
Figura 05	Edital do vestibular da UFSM/2013, traduzido em Libras legendado.....	61
Figura 06	Noticiário do Youtube informando sobre as vagas do curso Letras/Libras.....	63
Figura 07	Edital do vestibular da UFG/2012, traduzido em Libras.....	64
Figura 08	Edital do vestibular da UFC/2015, traduzido em Libras.....	65
Figura 09	Locais de soletração manual.....	73
Figura 10	Prosódia prejudicada pela soletração em frente ao rosto.....	86
Figura 11	Complexo prosódico envolvendo movimentos de olhos, boca e mãos.....	87
Figura 12	Uso adequado do espaço, das mãos e da expressão facial.....	89
Figura 13	Boca não oralizada.....	90
Figura 14	Velocidade do movimento das mãos e expressões faciais.....	91
Figura 15	Postura adequada do tradutor.....	92
Figura 16	Tradução de disciplina específica: Biologia.....	93
Figura 17	Tradução de disciplina específica: Geografia.....	94
Figura 18	Postura adequada da tradutora.....	95
Figura 19	Situação de prosódia evidenciada.....	96
Figura 20	Uso de adaptações.....	97
Figura 21	Uso de adaptações.....	98
Figura 22	Uso de classificadores/sinal imagético.....	99
Figura 23	Uso de classificadores/sinal imagético.....	99
Figura 24	Uso a direção do olhar.....	100
Figura 25	Situação de prosódia evidenciada.....	101
Figura 26	Postura da soletração.....	102

Figura 27	Traduzido pela a descrição imagética.....	102
Figura 28	Movendo a soletração em frente ao peito da direita para a esquerda.....	103
Figura 29	Situação de prosódia evidenciada.....	104
Figura 30	Dificuldades com soletração e prosódia.....	105
Figura 31	Dificuldades com soletração e prosódia.....	106
Figura 32	Sinalização e oralização.....	107
Figura 33	Falta de clareza e necessidade de melhorar a prosódia.....	108
Figura 34	Falta de clareza e necessidade de melhorar a prosódia.....	108
Figura 35	Datilologia comparada.....	110
Figura 36	Datilologia comparada.....	110
Figura 37	A presença da prosódia nos olhos das tradutoras...	111
Figura 38	A presença da prosódia nos olhos das tradutoras...	111
Figura 39	Influência dos movimentos da boca.....	112
Figura 40	Influência dos movimentos da boca.....	112
Figura 41	A presença da prosódia nos olhos dos tradutores....	113
Figura 42	A presença da prosódia nos olhos dos tradutores....	113
Figura 43	Prosódia de soletração das tradutoras.....	114
Figura 44	Prosódia de soletração das tradutoras.....	115
Figura 45	Comparativos a prosódia da descrição imagética....	116
Figura 46	Comparativos a prosódia da descrição imagética....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Estudos linguísticos de prosódia investigados nas LS e LF.....	35
Quadro 02	Pré-tradutória das glosas com símbolos, elaborada por Heloise Gripp.....	70
Quadro 03	Página do site COPERVE.....	80
Quadro 04	Calendário de provas e escala de TILSP.....	80
Quadro 05	O último dia de prova, de redação e questões discursivas de língua portuguesa (traduzida em Libras), mas os candidatos surdos realizam a prova redação por escrita de L2.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Registrados os dados de corpus das provas vestibulares.....	117
Tabela 02	Categorias analisados.....	118
Tabela 03	Resultados os aspectos prosódicos.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS

ASL	American SignLanguage (Língua de Sinais Americana)
COPERVE	Comissão Permanente do Vestibular
COPS	Coordenadoria de Processos Seletivos
CL	Classificador
DI	Descrição Imagética
L1	Língua Natural
L2	Língua Portuguesa
LF	Língua Falada
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LA	Língua Alvo
LABTED	Laboratório de Tecnologia Educacional
LF	Língua Fonte
LSB	Língua Sinais de Brasileira
PROENE	Programa de Acompanhamento a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PGET	Pós-Graduação em Estudos da Tradução
TILSP	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFGincludi	Centro de Seleção da UFG
UFT	Universidade Federal de Tocantins
UnB	Universidade de Brasília
UFC	Universidade Federal do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	19
1.1	Visão geral da pesquisa.....	21
1.2	Justificativa para o estudo.....	23
1.3	Pergunta da pesquisa.....	24
2.	OBJETIVOS.....	25
2.1	Objetivo geral.....	25
2.1.1	Objetivos específicos.....	25
3.	EXISTE A PRÓSODIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS?...	27
3.1	Prosódia: Língua Falada (LF) x Línguas de Sinais (LS).....	27
3.2	O uso da datilologia e suas dificuldades.....	31
3.3	Interpretação dos aspectos prosódicos da Língua de Sinais..	35
4.	TRADUZIR OS SINAIS: REFLEXÕES SOBRE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO.....	39
4.1	Estratégias na tradução: domesticação e estrangeirização...	39
4.2	Preparação da tradução na teoria de Jakobson.....	41
5.	O PAPEL DOS INTÉRPRETES/TRADUTORES DE LIBRAS NO BRASIL.....	45
5.1	A perspectiva histórica brasileira do TILSP.....	45
5.2	Traduzir para a outra língua: a questão do estranhamento....	48
6.	TRADUÇÃO PARA LIBRAS DAS PROVAS VESTIBULARES NO BRASIL.....	51
6.1	Históricos das instituições vestibulares brasileiros: Ações de provas adaptados para a comunidade surda.....	51
6.2	Mais umas conquistas das instituições UFSM, UFG, UFT e UnB: oferecendo vestibulares com a diferença linguística dos surdos.....	56
7.	PADRONIZAÇÃO: MODELO DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO PARA LIBRAS DOS VESTIBULARES.....	69
7.1	Práticas tradutórias das glosas.....	69
7.2	Recursos gestuais-visuais do tradutor de LS no vestibular...	72
8.	METODOLOGIA DE ESTUDO APLICADA NA PESQUISA DOS VESTIBULARES COM TRADUÇÃO PARA LIBRAS.....	75
8.1	O passo a passo da metodologia de pesquisa utilizada.....	76
8.2	As diferenças dos perfis dos tradutores dos vestibulares UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL.....	77

8.3	Métodos das análises da prosódia na tradução das provas dos vestibulares da UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL.....	79
9.	ANÁLISE DOS DADOS NA TRADUÇÃO DAS PROVAS DE VESTIBULARES UFSC, UFG, UFT, UnB E UEL.....	83
9.1	Corpus de análise: por que categorizar?.....	83
9.2	Análises em categorias dos processos prosódicos.....	87
9.3	Comparativos das análises gerais da prosódia nos vídeos das provas traduzidas dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL.....	109
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

1. INTRODUÇÃO

Interpretação não é um trabalho, interpretação é uma arte.
Patrick Graybill

Na introdução desta pesquisa quero compartilhar minha preocupação com a comunidade surda, principalmente com os candidatos surdos que não conseguiram sua aprovação no vestibular. Assim como todos aqueles que têm o sonho de chegar às portas da universidade, nós surdos também desejamos, porém a educação inclusiva não atende a todos que dela necessitam.

Aconteceu comigo, na época em que prestei o exame vestibular na UNESC para o curso de Pedagogia. Em 2003 fiz o exame vestibular, e foi desconfortável, pois não havia nenhum intérprete de Libras. Obtive a graça da aprovação no vestibular, pelo apoio de minha mãe e pelos meus esforços ao estudar nos cursos preparatórios. Afinal, cheguei à universidade sem inclusão. Dois anos depois, fiz novamente vestibular na UFSC, concorrendo a uma vaga no curso de Letras/Libras. A prova foi diferenciada e fiquei maravilhada, pois havia tradução/interpretação em vídeo, o que me permitiu ser aprovada e também seguir o caminho na comunidade surda. Como não tive dificuldades no exame vestibular por causa da tradução para Libras, decidi trabalhar com meus dados de pesquisa desta forma.

Além de achar importante investigar a falta de padronização na tradução para Libras nos vestibulares, me preocupavam as dificuldades apresentadas pelos tradutores durante sua atuação nas provas de vestibular com tradução para Libras. Buscava um tema para a investigação no Mestrado. E após tantas pesquisas de dados e análises bibliográficas, tive a ideia de analisar as avaliações de conteúdo das questões das provas apresentadas pelos tradutores (tradutoras) no processo de tradução de Libras nas provas de vestibular, com vistas às suas estratégias de mobilizar a padronização. Com base nisso, buscava comprovar a importância de melhorar a tradução das provas, principalmente com a adaptação do processo tradutório e a melhora da prosódia dos profissionais TILSP para, por fim, alcançar a possibilidade de uma participação adequada dos candidatos surdos.

O tema escolhido deu-me a oportunidade de pesquisar os autores Jakobson (1975 e 2010); Venuti (1995, 1998 e 2002); Oliveira (2003); Quadros e Souza (2008); Avelar (2008 e 2010); Segala (2010) e,

Sandler (2012), Nicodemus (2006 e 2007) e Smith (2007), entre outros que comparam o posicionamento dos intérpretes sobre provas com tradução. O trabalho de pesquisa, nesta dissertação, está dividido em capítulos, conforme exposto a seguir: após a parte introdutória, onde é exposta a visão geral da pesquisa e são estabelecidos a justificativa e a pergunta da pesquisa, além dos objetivos. O capítulo 3 trata da pergunta que busca trazer a reflexão acerca da prosódia das línguas de sinais. E os itens 3.1, 3.2 e 3.3 vão analisar a prosódia pelas perspectivas da língua falada e da língua de sinais, e mostra os comparativos de estudos linguísticos na prosódia na língua falada e língua sinalizada, e traz, ainda, um breve relato do processo de adoção nos investigativos destas diferenças linguísticas. O capítulo 4 fala sobre as teorias da tradução e interpretação, refletindo principalmente sobre a Língua de Sinais. A seção 4.1 trata das estratégias na tradução, domesticação e estrangeirização, e também da estratégia de tradução minorizante. Na seção 4.2, Preparação da tradução na teoria de Jakobson, está exposta a classificação dos tipos de tradução elaborada por este autor. E as formas de lidar com a tradução a partir de tal classificação. O capítulo 5 foi dividido em duas seções. A seção 5.1, A perspectiva histórica brasileira do TILSP, relata dados históricos e fala da importância do papel destes profissionais. E o item 5.2, Traduzir para a outra língua: a questão do estranhamento, fala sobre a importância da tradução e o estranhamento causado por ela. Tudo isso foi desenvolvido com base nos conceitos das teorias dos autores consultados. O capítulo 6, Tradução para Libras das provas vestibulares no Brasil, discute o histórico de lutas da comunidade surda pelos seus direitos de ter as provas vestibulares adaptadas com tradução para Libras. A seção 6.1, Históricos das instituições vestibulares brasileiros, em respeito à comunidade surda, relata um pouco da história das universidades, enfatizando suas ações em favor da inclusão dos surdos. Na seção 6.2, Mais conquistas das instituições, se pode ter ideia do funcionamento dos vídeos dos editais da cada universidade. O capítulo 7, Padronização: modelo de estratégias de tradução para Libras dos vestibulares, discute sobre os modelos de estratégias para padronizar a tradução das provas para Libras. Os itens 7.1 e 7.2 falam sobre o uso das glosas e sobre os recursos gestuais-visuais usados pelos tradutores. As metodologias usadas nas provas traduzidas são o tema do item 8. O capítulo 9, que é o mais extenso da pesquisa, aborda a análise dos dados na tradução das provas nos vestibulares UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, e apresenta, nas seções 9.1 a 9.3, tudo que está envolvido: trabalhos, gravações dos vídeos e

análises de prosódias. Nas considerações finais, coloquei o que pude perceber nessa pesquisa e o que aprendi durante a caminhada no mestrado. Vivi várias dificuldades durante os trabalhos, como o não envio dos materiais da UFSM, por não terem sido liberados, mas consegui a participação das cinco universidades, UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL. E, por fim, obtive sucesso.

Concluo dizendo que, apesar de muitas universidades inclusivas estarem abrindo suas portas para receber os candidatos surdos nas provas do vestibular, o caso é de falta de padronização dos elementos prosódicos na tradução para Libras. Então, minhas preocupações e sugestões giram em torno da busca por melhores condições para os tradutores realizarem seu trabalho de gravação, com indicação de técnicas para uniformizar a prosódia. Aponto, ainda, a necessidade de se dar mais apoio aos candidatos surdos para que sintam liberdade de realizar as provas de vestibular pela boa qualidade na tradução. Após haver apresentado, nesse capítulo, a caracterização dessa pesquisa de mestrado, o contexto no qual esse estudo está inserido, seus participantes e registro de dados, apresento, em seguida, o referencial teórico que norteia este trabalho. Para dar suporte teórico à pesquisa, foi utilizado, também, o procedimento bibliográfico.

Não foi fácil para mim e, assim, busquei e tive o apoio da revisora de Português, que ajudou a “traduzir” minhas ideias. Então, aqui apresento o resultado de minha pesquisa e de meu esforço para, como os candidatos surdos aos vestibulares, vencer as barreiras da exclusão e conquistar meu espaço como participante da construção de um novo mundo para nós surdos.

1.1. Visão geral da pesquisa

A ideia de fazer esta pesquisa surgiu ao longo de experiências pessoais. Estas se referem às minhas atuais preocupações com a cultura surda, principalmente com candidatos surdos que não conseguiram aprovação nos vestibulares, por falta de tradução das provas de Português para Libras ou pela dificuldade de entender os conceitos das disciplinas ensinadas nas escolas inclusivas. Ou, ainda, pela tradução/interpretação de Língua de Sinais, dificultada pela prosódia contida no trabalho dos tradutores. Os surdos têm seus sonhos profissionais que se deparam com uma barreira na dificuldade que encontram na realização das provas dos vestibulares; muitos deles não conseguem ingressar nas universidades, e acabam perdendo a

oportunidade de entrar melhor capacitados no mercado de trabalho. Outras “diferenças” ou necessidades especiais têm, em provas de vestibulares, suas necessidades atendidas com as adaptações prioritárias para um bom desempenho. Como exemplo, cito os candidatos com dislexia, que têm direito a fazer a prova em sala isolada com auxílio de um profissional, os vestibulandos com paralisia cerebral ou dificuldade motora, que recebem apoio e os recursos necessários, e os cegos ou com baixa visão, que podem usar o método Braile e ou recursos ópticos.

E os candidatos surdos? Estão capacitados a entender o conteúdo da prova traduzida em Libras? O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro (1999), artigo 27 diz:

As instituições de ensino superior deverão oferecer adaptações de provas e os apoios necessários, previamente solicitados pelo aluno portador de deficiência, inclusive tempo adicional para realização das provas, conforme as características da deficiência. (BRASIL. 1999. Art.27).

Venho acompanhando as dificuldades dos candidatos surdos na hora fazer o exame vestibular, com atendimento de intérprete e/ou a prova traduzida para Libras. O conteúdo é vasto e há muitas questões a serem traduzidas durante o exame. Em função disso, os surdos acabam perdendo tempo na realização das provas. O problema é que elas são escritas por ouvintes, e como eles não conhecem a cultura surda, as provas, sob o aspecto linguístico, não estão especificamente diferenciadas para os surdos.

Assim, as universidades buscam oferecer a interpretação de Libras, e os tradutores/intérpretes já estão acostumados a trabalhar com as “mãos falando”. Os surdos, no entanto, não têm, necessariamente, tanta familiaridade com esses gestos. E têm dificuldades em dar respostas e ficam perguntando, repetidamente, ao intérprete, o significado de determinada palavra e/ou sinal, e acabam sendo prejudicados por falta de tempo.

Então, o Decreto nº 3.298 de 1999, garante que todos os candidatos, com as mais variadas “diferenças” e que concorram às vagas nas universidades, tenham as mesmas condições para fazer as provas de vestibular.

1.2. Justificativa para o estudo

A Língua Brasileira de Sinais – Libras – começou a ser defendida pela comunidade surda por volta de 1986. Foi nesta época que eu nasci, e já nos meus primeiros anos de vida, conquistei o direito à minha língua natural (L1), a Libras. Estes grupos que lutaram, e ainda lutam, para que os direitos dos surdos sejam transformados em leis, são as associações e federações de surdos que fizeram com que avançassem os movimentos de pesquisas e de valorização da Língua de Sinais nos currículos de ensino.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão, e garante a possibilidade do seu uso pelas comunidades surdas, evidenciando-a como comunicação visual transmitida pelas mãos e sem sons vocálicos, pois os olhos dos surdos fazem o papel dos seus ouvidos. Assim, podemos entender a importância desta lei e das lutas da comunidade surda. Até hoje, lutamos para proporcionar adequados recursos a estes grupos minoritários, buscando garantir seu direito à inclusão. Complemento com as palavras das autoras Quadros, Stumpf e Oliveira:

A Língua de Sinais Brasileira – Libras – foi reconhecida oficialmente no Brasil, por meio da Lei nº 10.436/2002 que foi regulamentada pelo Decreto nº 5626/2005. Essa conquista legal teve impacto direto nas políticas linguísticas relativas à Libras. Uma delas está relacionada com o direito linguístico dos surdos brasileiros de terem acesso a concursos e provas de seleção e promoção na sua língua. (QUADROS, STUMPF e OLIVEIRA, 2011).

As universidades, porém, precisam estar preparadas para oferecer aos candidatos surdos, a tradução para Libras e, para tanto, devem entender a diferença entre as línguas de surdos e de ouvintes. Os vestibulares possuem muitas regras e a questão da tradução para Libras é uma novidade para as universidades inclusivas. A situação pede que se quebrem um pouco essas regras, para que seja possível entender as necessidades dos surdos no exame, principalmente, em relação à prosódia, ou seja, a clareza ao traduzir as questões na prova.

Justifico o desenvolvimento desta pesquisa por buscar identificar a experiência dos tradutores das universidades participantes, a forma como os candidatos surdos lidam com as avaliações na tradução do vestibular e a influência da prosódia na tradução para Libras. E, com isso, demonstrar a importância de se construir o processo de inclusão nas universidades, onde a Língua de Sinais seja dominante para aos candidatos surdos.

Meu propósito é refletir sobre as questões que se impõem no caso de prosódia em Libras e motivam esse estudo.. Questiona-se como se dá a compreensão da avaliação dos tradutores destas universidades inclusivas citadas, UFSC, UFG, UTF, UnB e UEL, por meio da tradução para Libras e, com isso, a funcionalidade na modalidade visual – espacial, que utiliza a língua de sinais como meio de comunicação para a sua expressão. Foi assim que vivenciei a realidade do acesso aos vestibulares destas universidades federais e a estadual.

Acredito que esta pesquisa possa ajudar as universidades, principalmente as focadas no vestibular com tradução para Libras, a conduzir o processo dos candidatos surdos, além de incentivar a busca por alternativas para as dificuldades com a prosódia.

1.3. Pergunta da pesquisa

Esta pesquisa objetiva problematizar os conhecimentos das universidades federais (UFSC, UFG, UFT e UnB) e da estadual (UEL) acerca das avaliações em Libras, desenvolvidas por meio dos vídeos, nas provas de vestibular das quais participaram candidatos surdos.

Concorre com isso, a presença de elementos de prosódia apresentados pelos tradutores de Libras nas provas de vestibular. Para promover a discussão sobre estas perspectivas, me proponho a responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Quais são as funções prosódicas (discursiva, demarcativa ou de proeminência – no plano linguístico) identificadas nas traduções dos vestibulares para Libras?*

Nesta introdução, busquei expor a problemática desta pesquisa, a justificativa para este estudo e a pergunta de pesquisa que guia este trabalho. Os profissionais da tradução/interpretação precisam estar preparados para traduzir as provas em Libras e oferecer condições favoráveis ao entendimento dos candidatos surdos. Como integrante da comunidade surda e aprendiz de pesquisadora, trago como fio condutor dessa investigação, o desafio pela busca de melhores perspectivas.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar constituintes prosódicos nas provas de vestibulares, ao problematizar a relação dos profissionais tradutores/intérpretes com suas dificuldades no trabalho da tradução para Libras no exame vestibular, apontando possíveis saídas para ajudar a melhorar a prosódia, além das condições de ingresso dos candidatos surdos na universidade, na perspectiva de atender a Lei nº 10.436 (de 2002), o Decreto nº 5.626 (de 2005) e a Lei dos intérpretes de Libras nº 12.319 (de 2010).

2.2. Objetivos específicos

- Identificar os elementos prosódicos utilizados na tradução para Libras nas provas de concurso vestibular.
- Buscar conhecimentos acerca de técnicas de tradução para Libras, a fim de ajudar a melhorar as condições para aos profissionais tradutores/intérpretes e esclarecer o uso dos elementos prosódicos para aos candidatos surdos nas universidades inclusivas.
- Demonstrar os modelos das estratégias para padronização da tradução das provas para Libras no Brasil.

3. EXISTE A PROSÓDIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS?

O capítulo 3 apresenta a análise e discussão sobre linguística e a prosódia pelas diferentes perspectivas, a da Língua Falada (LF) e a da Língua de Sinais (LS). De acordo com os resultados das diferenças da falada e sinalizada, pode-se afirmar que existe a prosódia das línguas de sinais. Exatamente as línguas de sinais têm ricos sistemas prosódicos, que podem ser explorados nos seguintes sistemas morfológicos e configurações: olhos, boca, datilologia e classificador/descrição imagética. Possuir o conhecimento da prosódia na língua sinalizada motiva os processos tradutórios na Língua de Sinais, melhorando assim, o trabalho de tradução para Libras nos vestibulares.

3.1. Prosódia: Língua Falada (LF) x Línguas de Sinais (LS)

Cada sistema de comunicação, língua falada (LF) e língua sinalizada (LS), tem seu status prosódico e se identifica distintamente por vozes e expressão facial/corporal, produzido assim, os diferentes conceitos prosódicos das línguas LF e LS.

Primeiramente, buscamos conhecer o conceito, a definição geral de prosódia. Nesta explicação vêm os principais traços prosódicos: “tom da voz”, feito como a sílaba e a palavra. Conforme Maria Helena Mira Mateus.

(...) a prosódia começou a ocupar lugar de destaque desde as primeiras gramáticas sobre o português. Em 1540, na Gramática da Língua Portuguesa, diz João de Barros que os latinos “partem a sua Gramática em quatro partes: em Ortografia, que trata da letra; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da dicção, e em Sintaxe, a que responde a construção, à imitação dos quais, (por termos as suas partes), dividimos a nossa Gramática”(MATEUS, 2004, p. 60).

Mais uma vez perguntamos o que é o objeto da prosódia? Definindo, a prosódia explica sobre o “tom” ou o uso dos “acentos”, ensinando sobre que sílabas devemos pousar, levantar ou fixar a voz, atentando para saber quais sílabas são longas e quais, curtas ou breves, pois podemos ver a prosódia como o ensino da boa pronúncia.

Para entender melhor o conceito de prosódia, o dicionário digital Aulete Caldas nos dá como definição geral, “a parte da fonética que estuda traços da fala tais como ritmo, intensidade, tom, altura e duração.” Aprofundando, foi encontrado em Maria Helena Mateus e Plínio Almeida Barbosa¹, elementos para subsidiar, neste texto, a busca pelas diferenças entre a prosódia da Língua Portuguesa e a prosódia da Língua de Sinais.

Barbosa nos fala acerca das funções prosódicas nos planos linguístico e expressivo que fornecem parâmetros para o estudo da prosódia na Língua de Sinais, pois faz referência a posturas e fala de funções afetivas e atitudinais que aparecem nas expressões captadas nos vídeos.

No caso, o estudo linguístico da língua falada (LF) explica a modalidade discursiva da frase, e no diálogo, ficam demarcados os indicadores de prosódia como sílabas, elementos fonológicos entre outros; e a proeminência relaciona a prosódia com o outro. Como exemplo, a forma discursiva tem enunciado assertivo: “João fez a tarefa.” E a outra forma, enunciado interrogativo: “João fez a tarefa?”. Entre estas duas formas de organização prosódica, pode-se ver o contraste dos dois enunciados.

No tocante aos tipos de prosódias, as expressivas distinguem-se das atitudinais (estilo, atitude e postura), das afetivas (emoções e humores) e dos identificadores (marcas de gênero, social e dialeto). Todos esses exemplos referem-se às funções encontradas nos enunciados, pontuando que atitude, postura e emoções são traços disfarçáveis na enunciação.

Para dar mais esclarecimentos quanto às diferenças prosódicas entre as línguas falada e sinalizada, lançamos mão do que defende a pesquisadora Brenda Nicodemus², em sua pesquisa em que fala do conceito de prosódia, principalmente na interpretação da ASL. Para isso a autora explica o que é prosódia.

Nicodemus relata que todos nós temos uma linguagem, seja ela, falada ou sinalizada. Podemos, ao examinar estas organizações, perceber

¹ Professor associado do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

² Brenda Nicodemus é atualmente professora associada do Departamento de Interpretação da Universidade Gallaudet e Diretora de Interpretação da Gallaudet – Centro de Pesquisa e Tradução (ITRC). A biografia está no site: http://www.gallaudet.edu/interpretation/faculty_staff/interpretation/nicodemus_brenda.html

que elas incluem os sons, as sílabas, palavras, frases, sentenças e outros segmentos do discurso. A interação e a combinação destes diferentes sistemas linguísticos levam à criação do discurso, seja ele falado ou sinalizado.

Os componentes da estrutura de som (língua falada) e da estrutura de gestos (língua sinalizada), não incluem a prosódia, e sim, indicam as unidades linguísticas. O papel da prosódia na produção de cada palavra (falada ou sinalizada) é diferenciado, pois há, por exemplo, uma variação na prosódia da língua falada que inclui entonação, ritmo, tempo e stress. Já nas línguas de sinais, a estrutura prosódica é expressa por mudanças de posição dos olhos, por movimentos da cabeça, bochechas infladas, entre outros comportamentos físicos. Para Nicodemus e Smith (2006), a prosódia da ASL (American Sign Language) se divide nas seguintes categorias: Mãos; Cabeça e Pescoço; Olhos e Nariz; e Boca, e as autoras relatam os tipos de análises com a ocorrência de marcadores prosódicos.

A variação observada entre as línguas faladas sugere que certos aspectos da estrutura da hierarquia prosódica, e as dimensões acústicas que refletem essa estrutura, são específicos do idioma. É esperado, portanto, que as línguas de sinais também sejam diferentes das línguas faladas com respeito à prosódia frasal porque são línguas distintas, com suas próprias características estruturais, para além das diferenças que podem ser explicadas por força das diferentes modalidades em que as línguas de sinais são expressas (NICODEMUS e SMITH, 2006, p. 1, tradução nossa).

Assim, Nicodemus continua a sua pesquisa em 2007. A proposta da prosódia se mantém, porém ela se aprofunda na categoria de “pausa”.

Esse estudo fornece mais evidências de que há constantes em sistemas prosódicos distribuídas pelas modalidades de linguagem, ao demonstrar que a divisão da linguagem em unidades frasais e de sentença ocorre em uma modalidade de linguagem visual, tal como acontece nos idiomas falados. A natureza “amodal” das fronteiras entre linguagens provê informações adicionais no

processamento de linguagem, memória e na importância da estrutura prosódica (NICODEMUS, 2007, p. 7, tradução nossa).

No Brasil, desde a década de 1980, com foco na prosódia das expressões, a autora Tanya Felipe vem refletindo sobre.

As expressões face corporais que venho chamando de “linguagem do silêncio”, uma vez que elas se coarticulam ao enunciado sonoro, estabelecendo o sentido da comunicação verbal na enunciação. Quando iniciei minhas pesquisas sobre a Libras, tinha como objetivo elucidar essa linguagem do silêncio, mais visível em uma língua de modalidade gestual visual. A análise dessa prosódia face corporal revelou dois tipos de expressões visuais: a) expressões visuais afetivas; b) signos gramático-discursivos visuais. (FELIPE, 2013, p. 74).

Pode-se ver aqui uma confluência entre o que dizem Barbosa e Felipe no tocante às manifestações corporais, tratadas por Felipe como linguagem corporal, e como funções atitudinais por Barbosa, e que veremos manifestadas nas práticas tradutórias comentadas e ilustradas por imagens de vídeos no capítulo 9.

Há poucas pesquisas sobre a prosódia da Língua de Sinais. E para refletir sobre a prosódia da Língua Brasileira de Sinais – Libras, propomos outras categorias a serem consideradas como marcas prosódicas para complementar ou aprofundar as pesquisas anteriores de Nicodemus e Smith (2006) e Felipe (2013). Assim, pensamos que seria interessante analisar a Língua Brasileira de Sinais – Libras e seus elementos prosódicos.

Além disso, a minha pesquisa segue as ideias de Sandler (2012), focando a análise da prosódia que se manifesta na tradução, para Libras, das provas de vestibular e que apresenta, em seus elementos, as características específicas da datilologia (a maneira como a mão é localizada, velocidade dos movimentos, se rápidos ou lentos), nos olhos, principalmente a relação das sobrancelhas puxadas e a direção dos movimentos do olhar, as várias maneiras de se expressar pela boca oralizada, articulação bucal, articulação da bochecha, boca fechada sem

articular) e, por último, a descrição imagética (a expressão corporal relacionada ao aspecto visual que dá clareza à função imagética).

Nessa pesquisa são estudados os aspectos prosódicos que são referência e divididos em quatro categorias: datilologia (uma forma de soletrar com movimentos dos dedos/mão, com qualidade de visualização), olhos (a importância da direção do olhar), boca (faz parte da linguística como expressão visual. A articulação da boca tem vários elementos: articulação, como abrir e fechar, pouca articulação, a oralização, que pode prejudicar a qualidade da visualização etc.), e, por último, classificador/descrição imagética (demonstrar a gestualidade do corpo é importante, dá clareza para a visualização de uma imagem). Embora os prosódicos da linguagem tenham interesse desde sistemática os seus componentes.

É interessante notar que a prosódia, que é aqui abordada em relação à Língua de Sinais, também tem questões relacionadas com a natureza e a organização do sistema prosódico.

Partindo-se dessas observações, a seção 3.2 trata do artigo desenvolvido pela autora desta pesquisa, e que busca esclarecer as dificuldades apresentadas no uso da datilologia, ou seja, entender os significados conforme a localização da mão e a velocidade de seus movimentos, se rápidos ou lentos e quais as estratégias que possibilitam uma boa visualização. Vejamos a seguir.

3.2. O uso da datilologia e suas dificuldades

A datilologia não faz parte da prosódia, mas é conceito na relação com o estudo linguístico. Aqui é mostrado o outro conceito para o uso da datilologia, expressado na posição em que a mão fica localizada na frente ou ao lado do peito, na forma de soletrar, mais rápida ou mais lentamente. Usando a datilologia mais rápida ou com a soletração mais lenta não há prejuízo para a leitura. São estes os elementos e as várias maneiras de utilizar a prosódia na datilologia. E esta seção 3.2 mostra as dificuldades de compreensão da datilologia nas experiências vividas por surdos brasileiros, possibilitando a reflexão a respeito desse problema.

Esta seção mostra a pesquisa do artigo³ “*O uso da datilologia na LSB*”, esse fator torna-se um agravante para a comunidade, quando observamos os surdos que não conseguiram aprovação no vestibular,

³Artigo no prelo feito por Geisielen Santana Valsechi: “O uso da datilologia LSB”.

por falta de entendimento dos significados das palavras na tradução do Português para Libras, pela dificuldade de entender os conceitos dos significados ou pela tradução/interpretação dos Intérpretes de Língua de Sinais utilizando as variações de traduções. Infelizmente, observa-se pouquíssimo uso e compreensão da datilologia.

É útil para se entender melhor a comunidade surda, faz parte da sua cultura e surge da necessidade de contato com as pessoas ouvintes. Quando um ouvinte começa a tomar contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a primeira coisa a aprender é a datilologia, produzida por formatos das mãos que representam as letras do alfabeto manual, usada para nomes de pessoas, lugares e outras palavras que ainda não possuem sinal:

Quando não existe um sinal para determinado conceito, a datilologia é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa. O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. (ROSA, 2005, p. 40).

Realmente nas comunidades surdas da maioria dos estados brasileiros, é frequente observar os sinalizantes que, com todas as variações regionais existentes, apresentam um uso ínfimo da datilologia. O uso da datilologia pode ser observado com maior incidência nas comunidades surdas do estado do Rio de Janeiro e alguns estados do Nordeste, sendo que nos estados do Sul pesquisados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) não se observa um alto índice no uso da datilologia (também conhecida por digitação) na comunidade surda. No estado do Rio e estados do Nordeste, o uso da datilologia frequentemente aparece condicionado aos movimentos da Língua de Sinais, sendo soletrado de uma forma mais rápida. Já nos estados do Sul essa soletração é mais lenta.

Essa prática acaba tendo efeitos negativos, pois gera a falta de conhecimento das palavras, pelos surdos. Isso porque soletração manual acaba tornando a palavra irreconhecível, levando ao não conhecimento da palavra e seu significado ou impossibilitando o aumento de vocabulário, além de trazer falhas de memorização das palavras. É importante, também, saber que a Língua de Sinais não é o alfabeto

manual e a datilologia é apenas um recurso dos surdos sinalizadores para representar palavras.

Apesar de ter importância considerável na função de interação entre sinalizantes, a datilologia não é uma língua, usa apenas o código para representar as letras alfabéticas. Pois sabemos a datilologia na soletração é possível para qualquer surdo que seja alfabetizado e valoriza a condição bilíngue.

É nesse sentido que as crianças surdas, ainda em processo de alfabetização da escrita oral, poderão ter também dificuldade com essa habilidade. Mais uma prova para desconstruir a crença de que a língua de sinais pudesse ser o alfabeto manual/datilologia, afinal, para ser compreendido e realizado o abecedário precisa ser ensinado formalmente. (GESSER, 2009, p.33).

Acredito ser possível fazer um paralelo entre a representação estabelecida pelo uso da datilologia e aquele estabelecido pelo conceito de signo linguístico definido pelo teórico da linguagem, Ferdinand Saussure, ao definir o significante por uma imagem acústica atrelada a um conceito (significado). A datilologia ocupa um papel quando apresenta uma imagem escritas nas mãos que remete a um significado relacionado com o alfabeto da língua oral (utiliza para isso o espaço neutro).

As dificuldades vivenciadas pelos candidatos surdos na prova de vestibular apontaram para os aspectos negativos nas condições ofertadas para as questões da prova traduzidas para Libras. Com isso busca-se apontar possíveis saídas para ajudar a melhorar o exame de vestibular para os surdos, buscando atender a perspectiva apresentada na Lei nº 10.436 de 2002 e no Decreto nº 5.626 de 2005. Também, analisar o uso da datilologia pela comunidade surda, conferindo a hipótese do baixo índice do uso da datilologia nas comunidades surdas do Sul. Acredita-se ainda que, como desdobramentos da pesquisa, podermos discutir o uso das variações linguísticas e regionais de acordo com as cidades onde residem os surdos informantes, e como essa variação é influenciada pelos contatos estabelecidos com surdos de outros lugares; comparar se os índices de aprovações/reprovações dos candidatos surdos no exame vestibular, principalmente, com o uso da datilologia, são maiores, tentando com isso verificar se há influência direta desse fator ou não. E

fica a pergunta: quais as possibilidades de diminuir as dificuldades vivenciadas pelos surdos com o uso da datilologia nas palavras?

Pôde-se perceber que o fracasso dos candidatos surdos entrevistados na prova de vestibular traduzida se deveu, principalmente, à falta de conhecimento das palavras (nível de bilinguismo). Eles pouco utilizam a datilologia e, frequentemente, utilizam a estrutura da Língua de Sinais, sem o uso da segunda língua. Sabemos que a primeira língua para o surdo é a Língua de Sinais, que organiza e direciona sua escrita. Porém, as variações linguísticas e regionais durante o processo de entendimento, de compreensão e da captação cognitiva continuam sendo um dilema que leva ao fracasso na prova de tradução do exame de vestibular. As necessidades linguísticas e cognitivas dos surdos estão, aos poucos, sendo inseridas no seu cotidiano e, por meio da Libras, é possível uma melhor compreensão também da Língua Portuguesa como segunda língua, principalmente no que tange ao uso da datilologia das palavras. Mas faz-se necessária uma mudança de paradigma.

Esforçados, verdadeiros tradutores. Outros, nem tanto. Apesar das diferenças todos continuam lá, estimulando ou não, resgatando ou não, porém especiais em suas singularidades. Com esperança de um futuro melhor, sem preconceito e com garantias, não apenas da lei e sim da dignidade da vida. Mas, infelizmente ainda não se alcançaram todos os objetivos como instrumento para garantir a qualidade do conhecimento. Um dos problemas é a falta de preparo dos profissionais intérpretes e tradutores na Libras que os permitam elaborar o seu próprio conhecimento.

Para concluir coloca-se que, apesar das diferentes variações linguísticas da Libras, na prova de tradução no exame vestibular com atendimento de tradutores na Língua de Sinais, ainda há um constante fracasso dos candidatos surdos devido à falta de conhecimento das palavras que são apresentadas na datilologia. Se houver uma melhor atenção nesse aspecto, as condições poderão melhorar, e assim como muitas Universidades inclusivas, outras estarão abrindo as portas para receber os surdos por meio destas provas.

Então, as preocupações e sugestões da autora são para que haja melhorias para os surdos nesse aspecto, para que eles possam sentir liberdade na realização das provas. Prosseguindo, na próxima seção, 3.3, serão abordados os aspectos prosódicos na interpretação da Língua de Sinais, e aprofundados a partir da pesquisa de Nicodemus (2006), e a tese de Leite (2008), que pesquisa tais elementos.

3.3. Interpretação dos aspectos prosódicos da Língua de Sinais

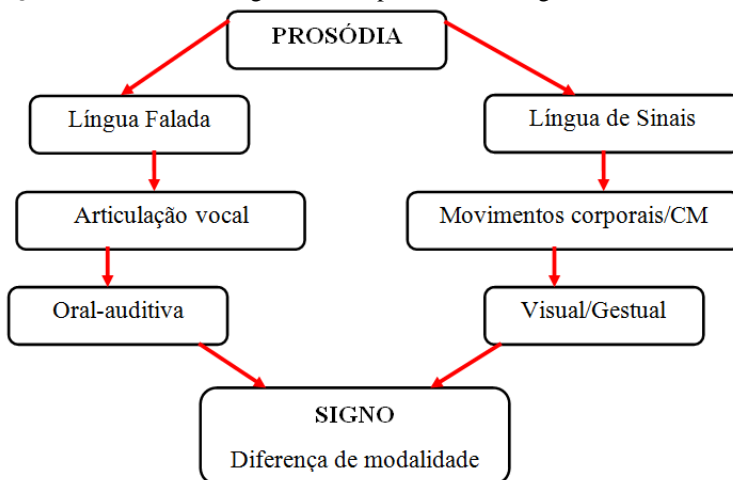
Desde a década de 1980 vem sendo desenvolvido o estudo linguístico da prosódia nas línguas de sinais. Pelo presente estudo poderemos afirmar que os processos da prosódia da língua oral (vocalização) se difere da língua de sinais (espaço de sinalização). A presença da prosódia nas línguas de sinais está relacionada às expressões faciais e à exploração dos espaços.

A função pragmática de alguns marcadores não-manuais em ASL foi apontada, inicialmente, por Coulter (1982). Os linguístas começaram a comparar algumas destas funções, especialmente a articulação dos olhos e das sobrancelhas com aqueles de entonação (LEITE, 2008).

Os constituintes prosódicos da língua falada são descritos, seguindo uma caracterização da língua de sinais, definida por um único movimento ou mais de um tipo de movimento que ocorrem simultaneamente. Este movimento pode ser da mão, de um lugar para outro, movimento dos dedos, movimentos do pulso ou alguma combinação simultânea destes. As palavras da língua de sinais são tipicamente monossilábicas.

O quadro 01 mostra a tabela de comparação das diferenças prosódicas investigadas.

Quadro 01: Estudos linguísticos de prosódia investigados nas LS e LF.



Fonte: Desenvolvido pela autora.

O trabalho de interpretação/tradução em língua de sinais tem sido o de separar a produção textual da língua portuguesa e da língua de sinais por ter, a equivalência da prosódia ter sido mal interpretada. Weininger coloca:

Porém, essa diversificação das línguas de sinais ocorre em grande parte pelos recursos acima descritos como sendo também prosódicos. Isso explica porque a interpretação libras-PB precisa criar essa mesma diversificação através de uso diferenciado da base lexical do Português e não cair no erro de produzir um texto em PB (Português Brasileiro) que não passe de glosas conectadas entre si pelas regras sintáticas do Português! Aqui o código de ética mal interpretado em relação à exigência de equivalência causa bastantes problemas. O conceito de equivalência na área de tradução e interpretação é, ao mesmo tempo, onipresente e bastante elusivo e perigoso (WEININGER, 2014, p. 85 e 86).

Nesse caso, surge a dificuldade de entender o conteúdo pela falta dos elementos prosódicos na interpretação, causando sérias dúvidas, pois os intérpretes não conseguem entender de forma correta o texto fonte na Língua Portuguesa. Assim, esclarecidas as diferenças, a interpretação para Libras tem um bom resultado, pois melhora a proficiência prosódica na interpretação dos vídeos.

Durante o processo de análise dos vídeos, na prova do vestibular na UEL, relacionei os trabalhos das tradutoras e as dificuldades que tiveram com a prosódia na tradução das questões. Esse entrave acabava deixando os candidatos surdos sentirem-se frustrados ou desgostosos com a tradução para Libras no vestibular. Ficava o desconforto durante a prova, pois não havia clareza acerca do conteúdo da escrita da Língua Portuguesa, e as imagens não estavam traduzidas. Seria muito importante fazer uso da descrição imagética, o que ajudaria os candidatos surdos a compreender a explicação do conteúdo. Essa impossibilidade causou prejuízo para estes candidatos durante a realização do exame vestibular. A datilologia foi repetida em várias questões, mas por não ser acompanhada pela descrição imagética, que não era do conhecimento dos tradutores da UEL, não foi bem

compreendida pelos surdos A descrição imagética expressa jeitos do corpo se movimentar, mas não é a mímica, e isso, que é muito importante esclarecer, mostramos em imagens que traduzem, na descrição imagética, a prosódia corporal. Veja as figuras 17, 22 e 27 em que os tradutores apresentam, de modo claro, as formas de traduzir pela imagética, jeito de expressar o corporal, estudar os tipos de prosódia que funcionam para marcar limite na interpretação, para alcançar esse objetivo e melhorar a prosódia nos tradutores.

4. TRADUZIR OS SINAIS: REFLEXÕES SOBRE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Este capítulo aborda as pesquisas da teoria da tradução desenvolvidas por Lawrence Venuti, professor de literatura moderna e tradutor americano. Suas estratégias falam dos processos das tradutórias “estrangeirizadoras” e “domesticadoras”, por conveniência e impenetrabilidade da língua natural dos surdos. Segue com a reflexão de Jakobson (1975) sobre as teorias intralingual, interlingual, e intersemiótica.

4.1. Estratégias na tradução: domesticação e estrangeirização

As comunidades surdas no Brasil reivindicam o ensino da Língua Portuguesa (oral/escrita) em paralelo com o que preconiza a Língua de Sinais (visual/gestual), respeitando, assim, a cultura surda. É necessário que sejam desenvolvidas estratégias para que a tradução da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais seja satisfatória e respeite a cultura surda.

Os surdos brasileiros são como estrangeiros que precisam dominar outra língua. Mas a tradução dos textos da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais é construída pela representação cultural dos ouvintes. Assim, Venuti afirma que, neste caso, o tradutor tem o objetivo de traduzir os textos estrangeiros para a forma domesticadora.

O objetivo desta seção é mostrar as principais estratégias de domesticação e de estrangeirização. Ao traduzir da Língua Portuguesa para a Libras, o importante é que o tradutor tenha uma boa estratégia para permitir a passagem de sua língua para a de outra cultura; mas é preciso ter, também, conhecimentos dos valores da cultura em questão. Para que ocorra uma boa tradução para Libras, é elementar que o tradutor tenha a consciência de que deve traduzir de forma fluente, para que os vestibulandos surdos possam ser atendidos de modo satisfatório na prova de Libras.

A tradução deve receber adaptações, levando em conta a linguística e a cultura do leitor. Aquele que lê a tradução fica satisfeito, porque o texto foi adaptado para a sua língua e se torna uma leitura prazerosa. Esta é a chamada tradução domesticadora, isto é, que adequa os constituintes prosódicos aos trabalhos de tradução para Libras, relacionando esta adaptação à língua visual prazerosa dos vídeos. As

traduções domesticadoras são consequência do mesmo trabalho e rotina no ato da tradução. O tradutor tem de se preocupar em adaptar a prosódia na tradutória, usando, assim, a datilologia, em olhos, boca e classificador/descrição imagética. Sem eles, não haveria uma boa visualização e qualidade dos tradutores de Libras. Em função disso, é importante trabalhar a tradução domesticadora no uso da prosódia.

Assim, os candidatos surdos podem realizar a prova com conforto, pois o tradutor está atento à cultura e à linguística. Na definição de tradução domesticadora, segundo Venuti, ele afirma que:

Uma tradução é considerada aceitável por redatores, revisores e leitores quando sua leitura é fluente, quando há ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos. Transmite a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou intenção do autor estrangeiro ou o significado essencial do texto original (VENUTI, 1995, p.111).

Se o texto foi traduzido por ouvinte de Língua Portuguesa que não compartilha dos valores da cultura surda e da língua, o que acontece? Acontece que este texto não transmite a tradução literal. É necessário adaptar os valores de significados (entendimentos), imagens para a cultura surda. Adaptar a tradução pode ser trabalhado em quaisquer tipos de textos (literatura, informativos, editais, reportagens e vários textos da língua fonte) e isso exige qualidade do autor para transformar os textos para a identidade surda, principalmente nas provas de vestibulares que precisam receber estas adaptações ao serem traduzidas.

Já na estrangeirização, ao contrário da domesticação, o autor não se preocupa com a cultura e a língua, pois deve deixar o texto o mais próximo da língua original. O tradutor, na estrangeirização, deixa as marcas do original, e ele não procura adaptar essas marcas. Por exemplo, um texto qualquer de Português que vai ser traduzido para a Língua de Sinais, usando o vídeo, o tradutor acaba ficando somente na língua original, permanecendo firme nas palavras do texto original. Então, não soletra ou não sinaliza por letras, não demonstra os sinais específicos da Língua de Sinais. Nesse caso, fica evidente para os surdos que o tradutor não se preocupa em adaptar o texto e percebem que não é a sua cultura.

Para solucionar este impasse, Venuti (1995) criou a estratégia da tradução minorizante que, segundo ele, põe a língua e a cultura diferentes em primeiro lugar, sem falar dos valores e regras.

No momento de traduzir é preciso tomar cuidado na leitura para adaptar a tradução ao cultural, para que aquilo que foi traduzido faça sentido para os leitores. Para realizar este trabalho, o tradutor tem de deixar as marcas originais, adaptando os textos traduzidos à cultura, à sociedade e à língua. A estratégia minorizante de Venuti pode ser aplicada à Língua de Sinais, pois pode evitar que os surdos, ao ler uma tradução, sintam desconforto, porque não é a sua cultura e nem sua língua. Muitos surdos sentem a dificuldade de entender os textos traduzidos por ignorância da outra cultura e da língua original, por isso, a estratégia minorizante pode ajudar, ao ser aplicada à tradução da Língua de Sinais. Segundo Venuti, é necessário criar a estratégia da tradução para ter o conhecimento da cultura, língua, e a compreensão da história. Ainda Venuti propõe que os tradutores tenham conhecimentos acerca dos aspectos da língua e da sociedade, pois assim, podem adaptar as estratégias para que os surdos se sintam confortáveis durante uma leitura de tradução.

4.2. Preparação da tradução na teoria de Jakobson

A tradução/interpretação envolve modalidades diferentes, pois a Língua de Sinais utiliza o modo visual-espacial, e a Língua Portuguesa utiliza o modo oral-auditivo. O pesquisador russo Roman Jakobson (1975), em sua teoria da tradução desenvolveu a seguinte classificação em três tipos: intralingual, interlingual e intersemiótica. A tradução intralingual, ou pode ser chamada de reformulação, faz a interpretação dos signos verbais por meio dos outros signos da mesma língua. A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, é a interpretação dos signos verbais por meio de outra língua. A tradução intersemiótica, ou transmutação, vem a ser a interpretação dos signos verbais por meio de signos não-verbais (gestuais, musicais, matemáticos). E busca-se, aqui, identificar o tipo de interpretação adotado na prova de vestibular, se foi intralingual, interlingual ou intersemiótica, apontando o tempo de preparação das questões de todas as disciplinas nas provas de vestibular, e os problemas marcantes dos tradutores na prova de vestibular da UEL, processamento o trabalho de tradução e não a interpretação.

A partir da análise deste autor, alguns tradutores podem ter feito, nesta pesquisa, a interpretação interlingual na Língua de Sinais. É

o caso de interpretação da DI (descrição imagética) da Libras e os signos verbais da Língua Portuguesa, presentes na tese de doutorado de Campello (2008). O novo conceito de DI (descrição imagética) propõe que é necessário visualizar os sistemas de classificação e utiliza os sinais visuais, para ajudar na compreensão dos conceitos e da tradução gramatical visual.

O Classificador (CL) foi estudado e pesquisado pela comunidade linguística, por meio de vários trabalhos publicados por Stokoe e os demais autores como Klima (1979, 1987), Brito (1993, 1995), Quadros (2003, 2004), Karnopp (2003, 2004), Felipe (2004, 2006) e outros. Portanto, a Língua de Sinais faz parte do visual do classificador em busca do conceito de signos visuais. Nas palavras da autora Campello:

O Classificador representa forma e tamanho dos referentes, assim como características dos movimentos dos seres em um evento, tendo, pois a função de descrever o referente dos nomes, adjetivos, advérbios de modo, verbos e locativos. (CAMPELLO, 2008, p. 207).

Pode surgir dúvida ou confusão quanto ao uso da tradução interlingual ou da intersemiótica. Ou as duas poderiam ser usadas na mesma hora, pois a interlingual trata de duas línguas e a intersemiótica trata de sinalizar imagens (ícones).

Os estudos comprovam que a tradução realizada sempre tem resquícios de dificuldade. Muitas teorias são focadas na modalidade oral-auditiva, poucas, na visual-gestual. Para entender melhor, aqui a palavra tradução significa traduzir de uma língua (Português oral-auditiva) para outra língua (Libras visual-gestual), porém, é necessário compreender o conceito de tradução. Considerando o conhecimento da tradução intermodal, trata de traduzir entre as línguas de modalidades diferentes, como da LP para Libras, por exemplo. Quadros e Souza falam claramente sobre a tradução intermodal:

A língua fonte (LF), portanto, é a Língua Portuguesa escrita, e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão oral. Entende-se por oral a língua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais. Como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-

se efeitos de modalidade. (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 3).

A tradução da escrita da Língua Portuguesa (língua-fonte) para a Língua Brasileira de Sinais (língua-alvo), não pode ser pensada somente como tradução intermodal, pois são necessárias imagens (filmagens), o outro sentido, o da tradução intersemiótica.

Quando se faz a tradução intersemiótica, devem ser observados os sentidos que transformam os pensamentos em signos, à volta do homem e do mundo. Estes reproduzem os sentidos com que os homens se comunicam. Além disso, determinam os signos, no sistema semiótico, que se encontram no plano não-verbal, presentes como desenhos, vídeos, pinturas e outros. Atualmente, a tradução oral ou escrita (Espanhol, Inglês, Português entre outros idiomas) para a Língua de Sinais, emprega a gravação em vídeos que alguém usa na Língua de Sinais. Um exemplo são os materiais do curso de Letras/Libras, os vídeos de tradução dos textos escritos da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, pois esta língua possibilita um melhor entendimento dos surdos. Não só o curso de Letras/Libras tem feito a tradução nos vídeos, já se vê o crescimento da literatura visual em provas de vestibulares, prova do Enem etc..

O tradutor deve saber as duas línguas em modalidades diferentes. Aquele que não tiver tal conhecimento pode prejudicar o resultado, levando ao descontentamento dos leitores surdos. Então, o tradutor precisa ter boa experiência nas línguas. Também deve conhecer as culturas das diferentes sociedades (ouvintes e surdos), e não só aquela estrutura linguística na Língua de Sinais. Não é necessário aprofundar o conhecimento das línguas e culturas, mas é bom saber se posicionar confortavelmente ao se apresentar para a câmera (filmadora). É necessário utilizar a expressão corporal, a gestual e a tradução de texto para Libras (escrita da gravação no vídeo) de forma natural.

Assim, o tradutor se apresenta no papel de “ator”. Isso é importante para que os leitores surdos sintam que é agradável assistir os vídeos de tradução. Os textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais são filmados, na presença material do corpo (tradutor) que usa as expressões faciais e corporais e os sinalizantes das mãos. O tradutor deve ter proficiência na Língua Portuguesa e na Libras, porque quando se faz a tradução dos textos escritos na língua fonte (Português) para a língua alvo (Libras), o resultado deve ser satisfatório para os leitores surdos. A tradução para Libras tem que ter clareza e utilizar os sinais

comuns, não focar nas estruturas da Língua Portuguesa, nunca representar as palavras por sinal e nem ser infiel quanto aos sentidos das palavras do Português na escrita do texto.

Para se realizar adequadamente os processos de tradução das provas de vestibulares é preciso ter uma equipe composta por profissionais de diferentes áreas de atuação como tradutores, revisores do vídeo, operador e assistente de câmera e o editor de vídeo. As demais responsabilidades destes exames devem ficar por conta dos professores de disciplinas como Matemática, História, Geografia, entre outras, e que terão de estar presentes para apoiar as dúvidas dos tradutores. Basicamente, é assim que ocorre o processo das questões de provas do processo seletivo na Universidade Federal de Goiás – UFG.

5. O PAPEL DOS INTÉRPRETES/TRADUTORES DE LIBRAS NO BRASIL

O capítulo 5 procura mostrar a perspectiva dos trabalhos de intérpretes e tradutores na Língua Portuguesa (LP) e Língua Brasileira de Sinais (Libras), ainda que estivesse se iniciando o desenvolvimento do papel da função de intérpretes no Brasil. Diante desse fato, atualmente vêm crescendo os trabalhos sobre a linguística e a cultura dos surdos.

Neste espaço discutiremos apenas duas seções. A perspectiva histórica acerca dos TILSP (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português) no Brasil, na seção 5.1, e os acontecimentos nas lutas do movimento da comunidade surda. Segala (2010) mostra como caracterizar os métodos na prática dos tradutores na Língua Brasileira de Sinais, focalizando os dois tipos: Português sinalizado e Empréstimo linguístico.

5.1. A perspectiva histórica brasileira do TILSP

Existem tradutores e intérpretes de Língua de Sinais em vários países do mundo. A perspectiva histórica sobre esses profissionais no Brasil dá conta de que seu aparecimento foi a partir dos anos 1980, sendo que os primeiros trabalhos foram como intérpretes nas igrejas. Era esse o espaço dos surdos nas lutas por educação, mercado de trabalho, saúde, acessibilidade social, conquistados a partir de sua língua, a minoritária Língua Brasileira de Sinais – Libras. As questões de acessibilidade das instituições precisavam e precisam dos intérpretes/tradutor para lutar pelos direitos dos surdos.

A partir do ano 1990, foram avançando os movimentos TILSP nos escritórios da Feneis, espalhados no Brasil. E houve um aumento no número destes profissionais, após a aprovação da Lei federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. E esse processo resultou no reconhecimento da formação dos profissionais TILSP no mercado de trabalho. As dicas de Roberts sobre as seis categorias do processo de interpretação que apresentam as competências dos profissionais TILSP:

1. Competência linguística – habilidade em manipular as línguas envolvidas no processo de interpretação (habilidade para entender o objetivo da linguagem usada em todas as suas nuances e habilidade para expressar corretamente,

fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo), os intérpretes precisam ter um excelente conhecimento de ambas as línguas envolvidas na interpretação (ter habilidade para distinguir as ideias principais das ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso).

2. Competência para transferência – não é qualquer um que mesmo conhecendo duas línguas, tem capacidade para transferir a linguagem de uma língua para a outra; essa competência envolve habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte, habilidade para interpretar o significado da língua fonte para a língua alvo (sem distorções, adições ou omissões), habilidade para transferir uma mensagem na língua fonte para língua alvo, sem influência da língua fonte, e habilidade para transferir da língua fonte para língua alvo de forma apropriada do ponto de vista do estilo.

3. Competência metodológica – habilidade em usar diferentes modos de interpretação (simultâneo, consecutivo etc.), habilidade para escolher o modo apropriado diante das circunstâncias, habilidade para retransmitir a interpretação, quando necessário, habilidade para encontrar o item lexical e a terminologia adequada avaliando e usando-os com bom senso, habilidade para recordar itens lexicais e terminologias para uso no futuro.

4. Competência na área – conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.

5. Competência bicultural – profundo conhecimento das culturas que subjazem as línguas envolvidas no processo de interpretação (conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo, e apreciação das diferenças entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo).

6. Competência técnica – habilidade para posicionar-se apropriadamente para interpretar, habilidade para usar microfone e habilidade para interpretar usando fones, quando necessário

(ROBERTS, 1992 apud QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 73 e 74).

Os processos dos profissionais do TILSP estão envolvidos nas categorias de competências, e a proposta de tradução e interpretação deve ser um processo de informação simultânea. Os profissionais TILSP estão previstos no Decreto nº 5.626/05 que é responsável pela acessibilidade linguística dos surdos, principalmente, em ambientes educacionais e públicos. Este decreto foi o primeiro documento oficial da formação, por meio de curso superior e com habilitação em LS e LP, e com competência e fluência em Libras para a interpretação de duas línguas.

O artigo 21, da Lei nº 10.098/2000, especifica a formação do profissional TILSP para Libras e a Língua Portuguesa, garantia da acessibilidade dos surdos nas instituições. Para ter uma boa formação, o tradutor/intérprete de Língua de Sinais (TILS) teria de conviver com os surdos e participar das formações TILSP. O papel do tradutor não se pauta só pela qualidade de tradução e interpretação, há uma relação ética com os surdos, especialmente quanto à competência tradutória e postura profissional.

Segundo QUADROS (2002), a regulamentação para a atuação foi sendo construída, organizada e elaborada em reuniões e assembleias que ocorreram em todos os estados do Brasil, até a Lei nº 12.319/2010, que reconhece e regulamenta o profissional Tradutor Intérprete de Língua de Sinais.

Para ter uma boa formação, o tradutor/intérprete de Língua de Sinais (TILSP) teria de conviver com os surdos e participar das formações TILSP. No artigo 2º, está explicada a importância da competência de interpretação das duas línguas, conforme da Lei nº 12.319/2010.

O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa (Presidência da República/ Casa Civil/ Subchefia para Assuntos Jurídicos).

O papel do tradutor não é só traduzir palavra por palavra. O ato tradutório acontece quando o tradutor transforma, em informação clara, uma mensagem que o leitor não compreende.

Os tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, surdos ou ouvintes, devem promover a mediação, respeitar as diferenças linguísticas e fazer uma imersão na cultura surda. Dizem as palavras da pesquisadora Gladis Perlin:

Em algum momento, é preciso abrir a porta da outra cultura, entrar e fechar. Conhecer verdadeiramente como pensam as pessoas surdas, como elas se sentem e compreendem o mundo. A partir de um esforço de colocar-se no lugar do outro e de desvincular-se da própria cultura, relações mais horizontais entre surdos e TILS tendem a ser estabelecidas. A equidade nas relações se constrói, nos momentos de interpretação, a partir do olhar do outro, surdo ou ouvinte (PERLIN apud CALIXTO, GARCÊZ, OLIVEIRA, 2012, p. 7).

Os ouvintes são como estrangeiros ao entrar na cultura surda, conforme comenta a autora Gladis Perlin (2012) em “Abrir a porta da outra cultura”. O papel do tradutor/intérprete não é só fazer contato com a língua, e sim entrar no mundo surdo e assumir a comunicação de Língua de Sinais, permitida à nova comunidade.

Aqueles ouvintes que não têm contato com o mundo surdo, ao “entrar” vão perceber os valores dos surdos, da sua cultura, viver e aprender o mundo de costumes diferentes e a língua. Aliás, pensar que a Língua de Sinais é uma língua estrangeira para os povos ouvintes, traz uma diferenciação linguística.

5.2. Traduzir para a outra língua: a questão do estranhamento

Traduzir não é apenas verter o texto para outro idioma. É tornar mais fácil a compreensão, transformando as palavras em informações claras, principalmente, as de culturas diferentes. Ainda mais, quando o leitor não compreende o significado e se sente como um estrangeiro na tradução.

Traduzir estaria ligado à tarefa de versar de uma língua para outra trabalhando com textos escritos. Desse modo, o tradutor teria tempo para ler, para refletir sobre as palavras utilizadas e os sentidos pretendidos e, ao traduzir para a língua alvo,

poderia consultar dicionários, livros, pessoas na busca de trazer os sentidos pretendidos do modo mais adequado (LACERDA, 2000, p.56).

Os candidatos surdos podem ficar insatisfeitos com as questões da prova de vestibular porque não tocaram em nenhum tema da cultura surda e foram elaboradas com base na linguística e na cultura da sociedade ouvinte. A partir desta visão do problema de tradução, identifiquei que, em algumas provas vestibulares e nos trabalhos dos tradutores, não foram apresentados elementos da cultura surda, o que explica a insatisfação dos candidatos com a falta de clareza na tradução textual da Língua Portuguesa para Libras, pois isso dificultou seu entendimento. Em Libras, a maioria da tradução não é fiel ao texto do Português. Porém os surdos têm seu jeito diferente de visualizar o mundo. Considero o trabalho que concede mais clareza, como foi dito anteriormente, é na forma “domesticadora”, que proporciona uma leitura prazerosa para os candidatos surdos. Assim considerado, o erro leva ao caminho de construção de uma nova forma de fazer a tradução para Libras, pois serve para orientar a busca pela cultura surda e uma forma criativa de fazer a tradução cultural pelos surdos.

Optei pelas análises dos trechos das provas vestibulares das cinco universidades: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal de Tocantins - UFT, Universidade de Brasília – UnB e a Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Ao fazer as referidas análises, assim como Segala em sua dissertação de mestrado (2010), também identifiquei questões de estranhamento por parte dos candidatos surdos nas questões de prova. E também na Língua Portuguesa isso foi mais evidente por ter a sua estrutura diferenciada da estrutura da Libras, porque esta é outro idioma com todas as estruturas de um idioma diferente. No processo de minha pesquisa pude perceber que os candidatos surdos da UEL apresentaram dificuldades e se sentiram desconfortáveis por não terem podido compreender a tradução de questões em todas as disciplinas, pois a sua primeira língua, a natural, é a Libras.

Em análise de Segala, este identificou alguns tipos de estranhamentos nos leitores surdos, como o Português sinalizado, o empréstimo linguístico, o neologismo, a linguagem da Língua Portuguesa, conforme segue:

- Português sinalizado - é a utilização simultânea das duas modalidades de língua, a oral-auditiva e a gestual-visual, como Português e Língua Brasileira de Sinais, misturando as duas línguas e as deformando. Por exemplo, traduzir palavra por palavra.
- Empréstimo linguístico, para língua da modalidade oral-auditiva - às vezes palavras novas não nascem dentro da mesma língua, mas sim nascem por outras línguas, como emprestada e para língua da modalidade visual-espacial, a Língua Brasileira de Sinais, que utiliza o alfabeto manual
- Neologismo, criação de sinais, ou seja, novo sinal, como o conceito da Língua Portuguesa dá para sinal, o novo sinal, quando há novos sinais na língua traduzida, sempre há incompreensão entre os leitores, ou seja, usuários de Libras, os surdos, devidamente o uso linguístico é muito pouco.
- Linguagem de ouvintes, ou seja, a linguagem da Língua Portuguesa. A linguagem é usada para se fazer coisas. As pessoas a usam na conversa diária para fazer negócio, planejar refeições e férias, discutir política, fazer fofocas. (Clark, 2000). Assim, entre a linguagem de cada língua, suas retóricas são sempre diferentes, como a linguagem, ou seja, sua retórica de surdos é diferente, então, na tradução para Libras, como a interferência à linguagem de ouvintes (SEGALA, p.43. 2010).

Como coloca Segala, é possível deduzir que a tradução do Português para Libras interfere linguística e culturalmente na segunda. Segundo o autor, isso pode ser resolvido com o aperfeiçoamento do trabalho do tradutor em busca de uma maneira de melhorar a sua tradução, não em termos de traduzir certo ou errado, mas considerando a experiência cultural e social.

6. TRADUÇÃO PARA LIBRAS DAS PROVAS VESTIBULARES NO BRASIL

Este capítulo trata das provas adaptadas nos vestibulares brasileiros, com o respeito à inclusão da acessibilidade em universidades (federais e estadual) no Brasil, com base em pesquisa nas universidades UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), UFG (Universidade Federal de Goiás), UFT (Universidade Federal de Tocantins), UnB (Universidade de Brasília) e a estadual UEL (Universidade Estadual de Londrina).

As universidades federais acima citadas vivem os desafios da tradução para Libras nas provas de vestibulares. O capítulo 6 apresenta o processo de provas adaptados em Libras nas universidades federais, UFSC, UFSM, UFG, UFT, UnB, e na universidade estadual, UEL, com o atendimento de tradutores/intérpretes em Libras (Língua Brasileira de Sinais que é a língua visual-especial natural dos surdos).

Apresentamos aqui, as seções seguintes. A seção 6.1 traz um breve histórico sobre os vestibulares do Brasil e o processo de provas adaptadas em Libras para a comunidade surda. A seguinte, a seção 6.2 mostra uma perspectiva de conquistas das instituições e o respeito às diferenças linguísticas dos surdos.

6.1.Históricos das instituições brasileiras que promovem vestibulares para surdos: ações de provas adaptados para a comunidade surda

No Brasil a acessibilidade foi alcançada por meio do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 que, em seu artigo 27, diz: “As instituições de ensino superior deverão oferecer adaptações de provas e os apoios necessários”.

Isto, no entanto, ainda não é respeitado em todo o país. A falta de acessibilidade ainda é um grande problema, e as conquistas das pessoas com deficiência foram parciais de acordo com a sua necessidade diferenciada (Braille para cegos, rampa para físicos, intérprete para surdos etc.).

Com base em diretrizes da luta pela educação bilíngue dos surdos, sabe-se que as pessoas surdas não aprovam ser chamadas de pessoas com “deficiências”, mas sim como “pessoas diferentes”. Os surdos também podem, como grupo minoritário, conquistar direitos e cumprir seus deveres. A falta de acessibilidade é um processo de

exclusão para a vida das pessoas com deficiências na sociedade. Isso discrimina, dificulta o acesso a uma melhor qualidade de vida e às oportunidades ao direito à educação e ao trabalho. A acessibilidade permite a diversidade do ambiente e o respeito às diferenças, dando oportunidades a todos os cidadãos.

É necessário valorizar a vida das pessoas, buscando melhorar as condições para a aceitação da pessoa diferente. Na busca pela consciência acerca do direito das pessoas surdas, com respeito às suas diferenças, algumas universidades consideram o vestibular como meio de inclusão para os candidatos surdos. Garbe diz que:

O vestibular deve ser considerado apenas a primeira etapa na inclusão de alunos surdos com necessidades especiais oriundas de deficiências. Há uma série de exigências e modificações que deverão ser colocadas em prática durante a permanência do aluno na universidade. A principal delas é a quebra dos preconceitos, a redução do estigma que envolve a pessoa com deficiência e sua inclusão social (GARBE, 2008, p. 43).

Quando aparecem os surdos na instituição, esta tem que promover o acesso ao conhecimento da cultura surda e à sua língua natural, a Libras, na qual utilizam os olhos para ver que as mãos falam. Às vezes usam datilologia para determinado sinal existente por força de hábito ou para dar ênfase na soletração, mas a Libras tem sua própria estrutura gramatical, que não é só usar o alfabeto, letra por letra. E por ser assim tão abrangente, a Língua Brasileira de Sinais – Libras – trabalha os cinco parâmetros que são: a configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, direção e expressão facial/corporal.

A UEL, atendendo solicitação de familiares e das próprias pessoas surdas de Londrina, ou seja, da "Comunidade Surda", propôs a realização de vestibular separado, com provas e datas específicas, de forma segregada⁴, tomando para si o problema da comunicação dos surdos. Em 2012 a Universidade Estadual de Londrina – UEL – ofereceu, pela primeira vez, as provas de vestibular na Língua Brasileira de Sinais – Libras, dando acessibilidade para os candidatos surdos, por meio de provas em vídeo, interpretadas por um tradutor. Ainda é uma

⁴<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=16631>

novidade para as instituições de ensino superior que se propõem a dar acesso à graduação para os estudantes surdos. A Coordenadoria de Processos Seletivos (COPS) afirmou que havia, neste ano, 20 inscritos para realizar a prova de vestibular cujas questões foram traduzidas em Libras e que os candidatos surdos responderam por meio do computador e do vídeo no Laboratório de Tecnologia Educacional (LABTED). E a prova de redação na Língua Portuguesa foi avaliada pela professora bilíngue, que acompanhou a correção da escrita dos candidatos surdos e analisou sintaxe, concordância e regência. Mas a Língua Portuguesa deveria ser a L2 para a comunidade surda, e para a maioria dos surdos é como uma língua estrangeira. A prova de Libras foi a novidade, pois a UEL já atendia a outros candidatos com necessidades especiais. E passou a oferecer as provas de Libras para os candidatos surdos com o acompanhamento especializado da professora bilíngue já citada e também da professora surda da UEL. As duas têm vasta experiência na área. A prova de vestibular faz parte do processo de inclusão na universidade e tem sido mais bem divulgada:

Numa prova de vestibular para surdos, as questões poderiam conter informações que contribuiriam para uma interpretação correta do conteúdo semântico da questão, permitindo que os surdos passassem o mais rapidamente possível da questão, sem perder tempo em decifrar o significado veiculado pelas formas linguísticas. Estas informações gráficas teriam, entretanto, que ser redundantes ou suplementares e não complementares para não acarretarem falta de informações às pessoas surdas. Mesmo assim, para assegurar uma compreensão plena de questões, se fará necessária a presença de intérpretes das línguas Portuguesa e Libras, principalmente, para elucidar dúvidas na leitura das provas e durante a elaboração das mesmas. Não se pode esquecer que o surdo não lê e nem escreve fluentemente o Português, assim como qualquer um encontraria dificuldade na leitura de uma prova escrita em língua estrangeira sobre a qual não se tem pleno domínio (GARBE, p. 43, 2010).

Embora os surdos não sejam os únicos alcançados pela sociedade excludente, o vestibular é um processo seletivo. E o caso desses candidatos surdos que não conseguiram ser aprovados no vestibular na Universidade Estadual de Londrina – UEL – deixa à mostra a dimensão do problema enfrentado por eles na tentativa de se incluir, já que há vários surdos no Brasil que já conseguiram ser aprovados, mas outros não conseguem aprovação em universidades federais com a realização da prova de vestibular específica, adaptada ao seu nível de escolarização. Como exemplo, o vestibular na UFSC é suplementar e não especial, como da UEL, pois cada universidade inclusiva apresenta as provas diferenciadas. A adaptação das provas do vestibular para a Língua de Sinais seria muito importante para os surdos, argumentam os autores Quadros, Sousa e Vargas:

No caso específico do vestibular, a tradução para a língua alvo, a Libras, apresenta o objetivo final de gerar provas na Língua de Sinais Brasileira, língua usada pelos surdos que estarão realizando o vestibular da UFSC. É importante compreender a complexidade envolvida nesse processo tradutório, pois assim tornamos a seleção acessível aos surdos em igualdade de condições (QUADROS, SOUSA e VARGAS, 2012, p. 05).

A proposta de provas traduzidas em Libras pelas universidades foi sendo adotada como resultado das lutas da comunidade surda e do posicionamento de pesquisadores surdos. Isso dá mais liberdade ao aluno para, assistindo aos vídeos, responder as questões, menos à redação, pois não é traduzida para Libras. E para os candidatos surdos é realmente necessário que as questões sejam traduzidas da L2 para a Libras que é uma língua visual-espacial à qual eles já estão acostumados.

A coordenadoria de acessibilidade educacional da UFSC é vinculada à Pró-reitoria de Graduação, PROGRAD, juntos aos cursos de graduação e pós-graduação, atendendo os direitos das pessoas com deficiência, promovendo autonomia pessoal e acesso ao conhecimento. Ver no link do site desta universidade (acessibilidade.paginas.ufsc.br).

A Língua Brasileira de Sinais é língua oficial no Brasil, como diz o Decreto nº 5.626/2005 e regulamentada pela Lei nº 10.436/2002, e reconhecida como língua materna da população surda brasileira. E mesmo sendo língua oficial, tem diferenças de sinais nas diversas

regiões do Brasil, pois há os regionalismos, como os vários sotaques na Língua Portuguesa falada, e a mesma situação da Libras, pois os surdos apresentam sinais diferentes em cada região e nem todos os estados brasileiros identificam os mesmos sinais.

A UFSC, em convênio com mais oito instituições, UnB, UFCE, CEFET – GO, UFAM, INES, UFBA, UFSM e USP, criou o curso semipresencial de Licenciatura em Letras-Libras em 2006. Nesta época, numa iniciativa inédita, a universidade possibilitou o processo de acessibilidade aos surdos fazendo as provas de vestibular traduzidas em Libras, no dia 27 de agosto de 2006. Por meio da Comissão Permanente do Vestibular – COPERVE – foi responsável pelo ingresso especial no curso de Licenciatura em Letras/Libras, tendo oferecido 500 vagas.

Em 2008, a UFSC, em convênio com mais 15 instituições, ofereceu o curso de Licenciatura e Bacharelado de Letras-Libras. A prova de vestibular neste curso foi diferenciada de seu modelo padrão, pois as questões objetivas foram filmadas em Libras e a outra parte foi na Língua Portuguesa escrita.

A Universidade Federal de Santa Catarina teve suas provas traduzidas para Libras no vestibular de 2012. Para isto, contou com uma equipe de dois revisores (que dominavam Língua de Sinais e Língua Portuguesa), três tradutores de Língua de Sinais e Língua Portuguesa, um editor e produtor de vídeo (que conhecia Libras), um cinegrafista e um programador. Segundo os autores Quadros, Sousa e Vargas, a equipe técnica deve ter como norma de trabalho, a preparação com qualidade da prova de vestibular. Ainda segundo a orientação dos autores, os procedimentos adotados devem ser os seguintes, nos vestibulares da UFSC:

- (1) estudo das provas pelos tradutores e formatação da identidade visual criando modelo para edição;
- (2) filmagem das traduções;
- (3) edição dos vídeos das traduções, edição das imagens da prova escrita e legendagem de alguns termos;
- (4) revisão das traduções e da edição;
- (5) refilmagem das traduções e reedição, quando necessário (QUADROS; SOUSA; VARGAS, 2012, p. 2).

Quanto às mudanças nas provas dos vestibulares na Universidade Federal de Santa Catarina, as estratégias nunca pararam de mudar, principalmente a estética da tela e os tradutores, que sempre melhoram a interpretação dos textos, pois havia falhas na tradução da época, e o processo ainda continua em mudança, para melhorá-la. No entanto, ainda tem se mostrado necessário, nas estratégias de tradução, dar o sinal técnico nas palavras, principalmente no uso de soletração do alfabeto manual que vem da escrita de Língua Portuguesa.

As provas de vestibular traduzidas em Libras foram, por fim, reconhecidas e a conscientização sobre a inclusão social e educacional dos surdos tem crescido. Garantir a acessibilidade do candidato surdo e da sua comunidade deve fazer parte da estratégia para se alcançar a sociedade inclusiva. E a Universidade Federal de Santa Catarina é uma universidade que demonstra respeitar as diferenças linguísticas e a comunidade surda. E um excelente exemplo disso está no emprego das técnicas de tradução das provas. As outras instituições vêm seguindo os exemplos deste modelo UFSC, o que possibilita o forte crescimento da Libras.

6.2. Mais uma conquista das instituições UFSM, UFG, UFT e UnB: oferecendo vestibulares com a diferença linguística dos surdos

Mais uma vez, instituições federais seguiram o exemplo da UFSC e vêm realizando, com sucesso, as adequações necessárias ao ingresso do candidato surdo nas vagas oferecidas nos cursos Letras/Libras e outros cursos de graduação com vestibular traduzido em Libras. As universidades federais UFSC, UFSM, UFG, entre outras universidades, possuem páginas acessíveis com os vídeos para a interação das pessoas surdas, por exemplo. A UFSC possui o edital do vestibular em Libras. Este ponto é positivo, pois ajuda a desenvolver uma comunicação acessível ao público surdo:

Figuras 01 e 02: Edital do vestibular da UFSC/2014, traduzido em Libras.



Fonte: <www.libras2014.paginas.ufsc.br>

As figuras 01 e 02 apresentam o site da página, o acesso aos

vídeos e é legendado para facilitar aos candidatos surdos e ouvintes fluentes em Libras. A Universidade Federal de Santa Maria - UFSM também reforça as conquistas da comunidade surda no vestibular. A universidade ofereceu a prova de vestibular traduzida em Libras pela primeira vez no ano 2011⁵, também o edital foi traduzido em Libras.

No ano seguinte, 2012⁶, fez novamente o vestibular com a prova traduzida em Libras. Em 2013⁷ a instituição melhorou o formato da comunicação no site, o que facilitou o esclarecimento de dúvidas sobre os editais e as provas. Foi assim que a instituição contribuiu com a comunidade surda.

Aliás, com relação à tradução das provas de vestibular de 2011 a 2013, melhorou a estética da tela dos vídeos, o que mostra a preocupação em proporcionar um ambiente com mais conforto visual-espacial e linguístico. A seguir, está o quadro do edital da UFSM, pela primeira vez traduzido para a Libras, respeitando a linguística do povo surdo nesta conquista da primeira tradução para Libras da prova de vestibular em 2011.

⁵Edital 2011, traduzido em Libras:http://www.coperves.ufsm.br/concursos/vestibular_dezembro_2011/

⁶Prova traduzida em Libras no ano 2012: http://www.coperves.ufsm.br/concursos/vestibular_2012/

⁷ O site mostra os editais e provas traduzidos em Libras, ver o link: http://www.coperves.ufsm.br/noticiaCompleta?id_noticia=1484

Figura 03: Edital do vestibular da UFSM/2011, traduzido em Libras.



Fonte: <http://www.coperves.ufsm.br/concursos/vestibular_dezembro_2011/>

Em 2011, a UFSM ofereceu, pela primeira vez, tradução para Libras no edital. E, assim, continua fazendo e, cada vez, melhor.

Figura 04: Edital do vestibular da UFSM/2012, traduzido em Libras⁸.



Fonte: <http://www.coperves.ufsm.br/concursos/vestibular_2012/>

⁸ A UFSM, em 2012, fez novamente o edital traduzido para Libras. Infelizmente a estética visual atrapalhou um pouco, pois a iluminação incidiu fortemente sobre a pele da tradutora e a cor do fundo não permitia uma boa visualização.

Figura 05: Edital do vestibular da UFSM/2013, traduzido em Libras legendado⁹.



Fonte: <http://www.coperves.ufsm.br/noticiaCompleta?id_noticia=1484>

As figuras 01 e 05 mostram a melhora da estética visual. Assim, se vê como as universidades federais foram avançando nos trabalhos de tradução para Libras, dando continuidade ao respeito pela linguística própria dos candidatos surdos e oferecendo ótima acessibilidade.

A partir de 2009 já havia o acompanhamento de intérpretes no processo seletivo e cada candidato surdo contava com a presença de dois intérpretes durante a prova. O período de duração da prova era de uma hora, porém o candidato surdo podia solicitar ao intérprete para traduzir as questões da prova. Apenas três candidatos surdos foram aprovados na UFG.

A Universidade Federal de Goiás criou o programa que inclui as estratégias de tradução das provas do processo seletivo (vestibular) nos anos 2011 e 2012, realizados no Centro de Seleção da instituição. O Centro de Seleção da UFG, por meio do programa ‘UFGinlui’,

⁹ Em 2013 houve mudanças na estética do vídeo, podendo se ver que ficou melhor que o do ano anterior, na figura 04. Fica evidente a preocupação da universidade com a comunidade surda, pois fez as mudanças necessárias: a cor de fundo e a luz ficaram mais adequadas e foi acrescentada a legenda para ajudar a esclarecer as dúvidas sobre o edital.

implementou a nova estratégia do processo seletivo (vestibular) para os candidatos surdos, oferecendo a tradução, para Libras, da Língua Portuguesa e de Literatura. Assim, Claudney Maria Silva e Sofia Oliveira Silva comentam o processo de tradução com equipe de profissionais:

O processo de tradução das provas foi realizado por uma equipe de profissionais de diferentes áreas de atuação (dois tradutores e intérpretes de Língua Portuguesa/Língua Brasileira de Sinais, dois tradutores/atores, dois linguistas/revisores de linguagem, um operador de câmera, um assistente de câmera e um editor de vídeo) que se comprometeram com o sigilo das informações e discrição quanto às atividades realizadas assinando, inclusive, um termo de responsabilidade como os demais profissionais do Centro de Seleção. Somente os tradutores/atores filmados são passíveis de serem identificados pelos candidatos (SILVA; SILVA, 2012).

Este modelo de tradução das provas foi aplicado no processo seletivo (vestibular) dos candidatos surdos, e a estratégia foi produzindo uma proposta viável, valorizando, assim, a comunidade surda na UFG, pois houve continuidade de oportunidades para os candidatos surdos.

A figura 06 refere-se a noticiário postado no site Youtube, informando sobre as vagas e o curso de Letras-Libras oferecido pela UFG. A figura 07 apresenta o edital traduzido em Libras, a legenda sinalizada em Libras e os textos escritos em Português (L2). Tudo isso apresentado com uma boa qualidade visual para os candidatos surdos que escolhem clicar no site. E para os candidatos ouvintes que pretendem realizar o vestibular UFG, há ali texto em Português (edital¹⁰).

¹⁰ As informações seguem neste link:
<https://www.youtube.com/watch?v=oKCPPE3vnIY>

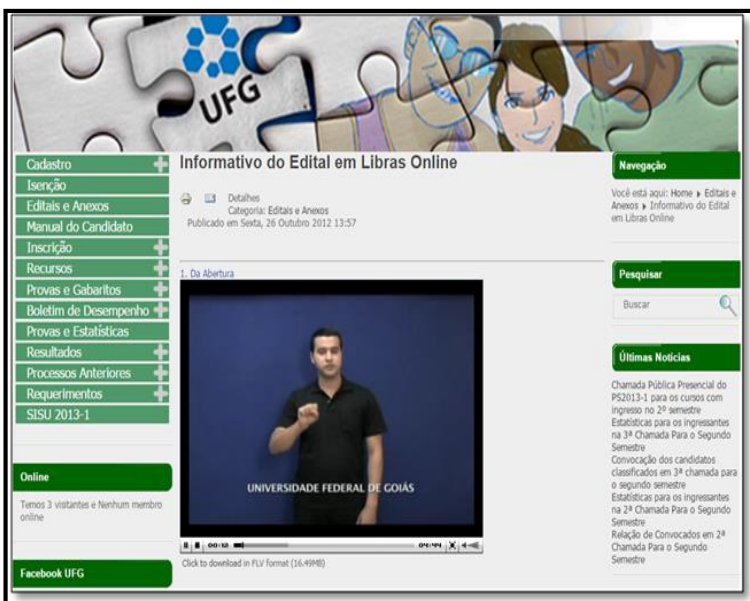
Figura 06: Noticiário no site Youtube informando sobre as vagas do curso de Letras/Libras¹¹.



Fonte:<<https://www.youtube.com/watch?v=oKCPPE3vnIY>>

¹¹ Em 2011 a UFG valorizou as informações sobre o curso e o vestibular. Este vídeo não é edital. Mas, a universidade ofereceu uma boa acessibilidade aos candidatos surdos para terem conhecimentos acerca do vestibular e do curso pelo vídeo em Libras.

Figura 07: Edital do vestibular da UFG/2012, traduzido em Libras.



Fonte: <http://www.vestibular.ufg.br/2013/ps2013_1/site/index.php/editais/32-informativo-do-edital-em-libras-online>

O site de edital do vestibular da UFG é apresentado com vídeo sinalizado, legenda e texto em Português. Universidades federais oferecem editais acessíveis para as comunidades surdas, como a Universidade Federal do Ceará, por exemplo, na figura 08. Há vários editais de tradução em Libras de outras universidades federais, mas alguns ainda aparecem como editais do texto português.

Figura 08: Edital do vestibular da UFC/2015, traduzido em Libras.



Fonte:<<https://www.youtube.com/watch?v=RHQXk3zWf3c>>

Conforme ilustração acima, o vídeo do edital da UFC é sinalizado em Libras. A atenção para a necessidade educacional especial da comunidade surda foi muito pouco profunda. A maior preocupação da instituição parece estar voltada para a educação inclusiva no ensino superior numa linha de proposta de política educacional conforme assinala Oliveira:

O Governo Federal, por meio de legislação específica – Portaria nº 1.679/99 (BRASIL, 1999a) – determinou a oferta de condições adequadas para o acesso das pessoas com deficiência. Essa legislação apresentou pela primeira vez o termo acessibilidade direcionada para as pessoas com deficiência que frequentam a universidade. A Portaria n.º 1.679/99 (BRASIL, 1999a) dispõe sobre os requisitos de acessibilidade à pessoa portadora de deficiências para instruir processos de autorização e de reconhecimento de cursos e de

credenciamento de instituições. A mesma determina condições mínimas necessárias para os estudantes que apresentam deficiência física, visual e auditiva, no que se refere ao acesso ao ensino superior, à mobilidade e à utilização de equipamentos e instalações das instituições de ensino (OLIVEIRA, 2003, p. 9).

O Programa de Acompanhamento a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (PROENE), da Universidade Estadual de Londrina, se estende a todos os tipos de deficiências, garantindo a acessibilidade dos estudantes com “necessidades especiais”. Mas, no caso dos surdos, a instituição não se prende muito à “necessidade especial” destes.

Deficiência auditiva: intérprete de Língua de Sinais, flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico, aprendizado da Língua Portuguesa, materiais de apoio para os professores, referentes à especificidade linguística dos surdos (BRASIL, 1999a).

Com isso a comunidade surda fica alijada, pois a maior dificuldade para a acessibilidade dos surdos se encontra na comunicação. A língua materna dos surdos é Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o fato de a sociedade brasileira conhecer pouco da cultura surda e da Língua de Sinais é um problema. Há surdos que se comunicam por meio da oralização, outros também dominam bimodais como o Português (segunda língua) e a Libras (primeira língua). Mas, infelizmente, nem todos os surdos dominam a Língua Portuguesa. Em função de todos esses aspectos, a Universidade Estadual de Londrina parece precisar fazer mudanças em suas estratégias para melhorar o atendimento para a comunidade surda. A melhor estratégia para atingir a comunicação dos surdos por meio do “alvo” (a primeira língua dos surdos) é demonstrando a língua natural destes, e não pelo método bimodal ou outros artifícios existentes.

Para promover a acessibilidade e a inclusão social da comunidade surda é preciso quebrar as barreiras de comunicação. Eliminar os vários tipos de obstáculos, principalmente a dificuldade de escrita na Língua Portuguesa, que os surdos podem aprender a dominar como segunda língua, apesar das diferenças, pois as estruturas gramaticais e a

semântica são diferentes nas duas línguas, a dos surdos e a dos ouvintes. E os surdos têm direito à aquisição de sua primeira língua, a de sinais, conforme refere o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

Conforme o autor Guimarães, para se ter uma boa acessibilidade é preciso uma mente aberta e condições adequadas.

Para que a acessibilidade seja real, é necessário que faça parte dos valores de vida das pessoas. Desse modo, é preciso desvelar no outro uma mente aberta que o faça ser ativo na busca de melhoria para suas condições de vida e também os demais. Por conseguinte, a acessibilidade torna-se um bem cultural e uma realidade natural. (GUIMARÃES, 2000, p. 22).

Além disso, não se pode desprezar o bilinguismo dos surdos, eles vivem as duas culturas diferentes (surda/ouvinte), conscientes de que as duas línguas são importantes. Porém, as pessoas surdas têm como luta, enfrentar a visão distorcida do mundo ao seu redor.

Algumas universidades federais, no intuito de promover a inclusão, não puseram barreiras aos vestibulares dos candidatos surdos, apesar das dificuldades em lidar com a tradução para Libras.

7. PADRONIZAÇÃO: MODELO DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO PARA LIBRAS DOS VESTIBULARES

Neste espaço discutiremos a importância de padronizar a tradução das provas dos vestibulares, principalmente quanto às condições de igualdade. A falta de padronização dos modelos de estratégias, nas atividades de tradução para a Língua de Sinais, aliada ao uso de prosódia, que varia de tradutor para tradutor, traz dificuldades para o próprio trabalho de tradução, além das que tocam aos candidatos surdos ao vestibular. Para que possam ser demonstradas as barreiras que atrapalham os candidatos surdos na tradução dos vestibulares, causadas pela falta de estratégias para o uso da prosódia na tradução, pois muitos vestibulares não seguem os exemplos de trabalho tradutório na língua de sinais, estão aqui expostas as maneiras de trabalhar a tradução criadas por cada universidade, numa demonstração de como é importante padronizar e seguir os modelos das estratégias, pra não deixar a tradução no vestibular inadequada, principalmente porque o canal dos surdos é o visual. Serão abordados, também, os recursos gestuais-visuais do tradutor de LS. Por ainda haver prejuízo dos candidatos surdos, é necessário melhorar a tradução no exame vestibular, e para isso é necessário buscar a padronização na tradução para Libras no Brasil.

7.1. Práticas tradutórias das glosas

Em busca das estratégias usadas nas técnicas de tradução para Língua de Sinais no vestibular, os tradutores devem considerar que a tradução da língua fonte, Língua Portuguesa escrita, para a língua alvo, Língua de Sinais, é uma modalidade diferenciada. O tradutor transporta, para a filmagem, a tradução para Libras dos textos escritos oriundos da Língua Portuguesa, transformando as mensagens em estímulos visuais por ser a Libras vista como uma língua visual (expressão facial, corpo e as mãos).




As práticas tradutórias das glosas podem ajudar no desenvolvimento do trabalho de tradução, pois facilita o processo, porque a estrutura da sintaxe na LP é muito diferente da Libras, que é sinalizada, e não escrita como no Português. Então, para melhorar a tradução para Libras, os tradutores seguem a prática de glosas; assim, a leitura textual não é prejudicada e os candidatos podem sentir-se mais preparados e seguros durante o tradutório de Libras.

O processo tradutório dos textos de glosas com símbolos em Língua de Sinais, simbologia criada da Heloíse Gripp Diniz, ex-tradutora no ambiente virtual de Letras/Libras, vem em auxílio do processo tradutório.

Na Linguística, as glosas servem para a representação morfológica dos dados de uma língua desconhecida, servindo como ponte entre os dados originais da língua e a tradução para a língua em que o texto é produzido, na forma de transcrições interlineares. No caso do estudo de línguas de sinais, a ausência de um sistema de escrita faz com que muitas vezes as glosas sejam a única forma de representação gráfica dos sinais, e esse fato tem criado muita confusão na área, entre outras razões pelo fato de um mesmo sinal ser representado por diferentes glosas do Português em diferentes contextos e obras (DINIZ, 2010).

Veja o exemplo de tradução de glosas com símbolos:

Quadro 02: Pré-tradutória das glosas com símbolos, elaborada por Heloíse Gripp Diniz

Língua Portuguesa	Língua de Sinais Brasileira
<i>Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.</i>	FATO+  APRESENTAR JÁ UNIDADE ANTES ÁREA SINAL-TEORIA SOBRE+* AQL. PRECISAR EXPLICAR GRUPOxxx CAPAZ acenar-cabeça /-/ ALGUM GRUPOxxx TEORIA VAL DISCUTIR DAQUI É INTUITIVA SENTIR MAS PESQUISAR GRUPOxxx ESPECIFIC@  ~ CADA acenar-cabeça.nng NÃO-DÁ EXPLICAR  xxx NÃO-DÁ AGORA VAL ESTUDAR CADAxxx TEORIA DIFERENTExxx VER LINK.

Fonte:Livro Estudos Surdos III, QUADROS; SOUZA, 2008, p.189.

Sobre a criação de técnicas na tradução, comentam Quadros e Souza:

A partir dos textos na língua fonte, os tradutores utilizam glosas para realizar uma aproximação ao texto na Língua de Sinais. Essas glosas servem de referencia para a atuação do tradutor/ator que filmará o texto na Língua de Sinais. A possibilidade de traduzir textos para a Língua de

Sinais apresenta uma relevância social importante. Os estudos sobre as técnicas e os processos envolvidos na tradução de um texto escrito para um texto visual-espacial precisam continuar sendo investigadas (2008, p. 206).

Assim o uso de glosas com símbolos é exemplo de processo pré-tradutório. O conflito dos profissionais tradutores está em fazer as leituras do Português, e memorizar os significados das palavras e depois passar para a Língua de Sinais. Os tradutores surdos com o uso da glosa têm mais facilidade em ler o texto na estrutura da Libras, como citado no exemplo anterior. Souza comenta os primeiros registros do uso de glosa:

Em termos históricos, um dos primeiros registros que se tem do uso de glosas como procedimentos de transcrição linguística entre uma língua oral e uma língua de sinais foi identificado por Cokely (1992). Esse autor é de extrema importância no contexto acadêmico da interpretação de língua de sinais norte-americana (ASL) e fez uso de glosas para fazer transcrições de textos interpretados em ASL utilizados durante o que ele chamou de monólogos expositivos não recíprocos (palestras, discursos, seminários) (SOUZA, 2010, p.25).

A interpretação consecutiva permite que os tradutores e intérpretes tenham tempo para preparar um texto-alvo construído de forma inteligível, não deixando de considerar que o estilo de tradução dos surdos é diferente do estilo dos ouvintes, mais facilitado pela interpretação. Conforme Souza:

Hoje, por meio de pesquisas a respeito da tradução de textos em Português para a Libras tais como a que conduzi em 2010, esses Surdos podem ser reconhecidos como tradutores/atores, pois, por um lado, são tradutores, justamente por serem responsáveis pela re-textualização de um conteúdo emitindo em uma versão gráfica de uma língua oral para a versão oral em sinais de uma língua espaço-visual, constituindo, assim, um texto visual em sinais; e, por outro, são atores, pois, esse procedimento tradutório do texto em

língua de sinais é permeado de incursões cênicas e performáticas visuais marcadas de expressões faciais, corporais e gestuais típicas de realidades de atuação cênica diante de câmeras (SOUZA, 2013, p. 180).

De toda, maneira quando o tradutor não prepara a pré-tradutória com símbolos de glosas, o processo fica mal organizado e o tempo de gravação pode ser mais demorado. Seria importante o uso de glosa, sem ela o trabalho de tradução nas provas pode ficar prejudicado.

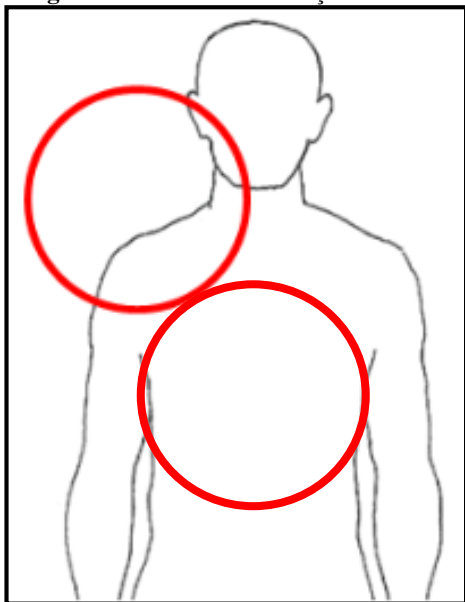
7.2. Recursos gestuais-visuais do tradutor de LS no vestibular

Nesta seção são explicadas estratégias de recursos gestuais-visuais do tradutor de LS para que se possam ajudar os exemplos de modelos a padronizar das provas nos vestibulares do Brasil, considerando a influência desse registro no contexto da sinalização. Foram estudadas pesquisas acerca de elementos como “olhos”, “boca”, “classificadores/descrição imagética” e “datilologia” que influenciam no resultado final. A seguir, técnicas usadas para tradução na Língua de Sinais, e que abordam questões de prosódia.

Espaço de sinalização: o uso do espaço de sinalização tem três tipos de movimentos: *FRENTE*, *ESQUERDA/DIREITA*, *CIMA/NEUTRO*. Estes são os espaços para sinalizar LS. Não existem os sinalizantes parados pelo meio do espaço neutro. E são vários tipos de movimentos para qualquer espaço, como “frente”, “esquerda e ou direita”, “cima ou neutro). Assim, acontece do usuário de Libras influenciar os diferentes espaços de sinalização com níveis de formalidade e informalidade.

Soleturação manual/datilologia: Ferreira explica que a “datilologia” ou soleturação digital, é o alfabeto utilizado para traduzir nomes próprios ou palavras para as quais não se encontram equivalentes prontos em Libras [...] (2010, p. 22). Utiliza as letras do alfabeto da Língua Portuguesa para o uso na mão. No Brasil, na Libras, o uso da datilologia deve ser localizado em frente ao corpo (lado do rosto e ou frente do peito), pois facilita a clareza linguística, e, portanto, nunca deve ser feito na frente do rosto. Ainda assim, alguns fazem a soleturação manual em frente ao rosto, o que deixa a tradução mais complexa, além de prejudicar as expressões faciais.

Figura 09: Locais de soletração manual¹²



Fonte: Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras, autor Rodrigo Custódio, p.76, 2013.

Expressões faciais: é necessário o uso de expressões faciais para dar sentido aos aspectos prosódicos e destacar os recursos linguísticos de ordem lexical com as frases afirmativas, negativas, interrogativas e exclamativas.

Classificadores/descrição imagética: de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 93) os classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e/ou pessoas, ou ainda são empregados para descrever o tamanho e a forma desses elementos, o que geralmente é chamado de descrição imagética.

Para encerrar esta seção, é importante colocar que nas técnicas de tradução é importante determinar e seguir as etapas do trabalho, para que os objetivos determinados para a tradução para Libras no vestibular

¹² O local mais indicado para a soletração manual é ao lado do rosto. Usa-se, mas menos, também em frente do peito.

sejam alcançados e não gerem dúvidas ou confusão para seus usuários. E para que a tradução do texto-fonte (LP) para o texto-alvo (LS) seja eficaz, para que eles possam entender e dominar os trabalhos de revisão da linguagem e também a filmagem, ou seja, a edição revisada. Silva (2012) acrescenta que o uso interpretativo em tradução deve assemelhar-se à língua de sinais, oferecendo efeitos contextuais adequados, sem causar qualquer tipo de esforço de processamento. A questão interpretativa levantada pela autora permite estabelecer as fases para as estratégias de tradução no vestibular, conforme segue:

Leitura global → Leitura detalhada → Descrição em glosas
 → Filmagem pronta → Esquemas visuais.

A leitura global pede um exame integral dos textos referentes às questões do exame, no caso, o vestibular. Esta etapa possibilita o conhecimento dos conteúdos a serem traduzidos, e permite que o tradutor identifique as dificuldades com o texto, o que poderá ser um obstáculo à tradução. Esta constatação leva à segunda etapa, que é a da leitura detalhada. Nesta, o tradutor pode refletir sobre os conteúdos acerca dos quais tem dúvidas e aprofundar-se em suas. Resolvida esta etapa, o profissional deve descrever o texto a ser traduzido com o uso de glosas, conforme exemplo do modelo no quadro 02. Após tudo isso, parte-se para a gravação de câmera da tradução para Libras nos vídeos, fazendo o bom uso dos esquemas visuais. Esse modelo adota, e propõe a ideal para o material de tradução da Língua Portuguesa para Libras estará pronto e adequado para ser utilizado com mais segurança, considero estas estratégias podem ajudar o trabalho tradutório para Libras nos vestibulares no Brasil.

8. METODOLOGIA DE ESTUDO APLICADA NA PESQUISA DOS VESTIBULARES COM TRADUÇÃO PARA LIBRAS

Neste capítulo, é apresentada a busca para identificar os constituintes de prosódia e quais as melhores estratégias de tradução para Libras das provas vestibulares. A metodologia de estudo aplicada para a realização desta pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva de se estudar, de forma comparativa, os recursos utilizados, e apontamos a Prosódia na tradução para Libras como um deles. Isso permitiu analisar os processos dos tradutores nas provas adaptadas de Libras das universidades inclusivas, complementando os estudos de comparação entre as universidades federais UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL.

Para desenvolver a pesquisa foram levados em consideração os objetivos, a metodologia, a pesquisa bibliográfica, focados na tradução para a língua de sinais, e em função disso serão analisados os cinco vídeos de provas vestibulares traduzidas para Libras com vários tradutores brasileiros entre os estados do Sul e Norte.

A proposta da pesquisa determina os quatro tipos de prosódia: datilologia, olhos, boca e classificador/descrição imagética. É importante especificar o uso estratégico desses elementos. A datilologia tem várias formas de ser usada: na frente do peito, sem/com/poucos movimentos para aos lados, os sinais são demonstrados após a soletração e os movimentos são rápidos. Os olhos podem demonstrar os tipos de prosódia a partir da direção do olhar: para a câmera no caso de CL/DI, pouquíssimo, focando mais para baixo, em *feedback*, perdido, sério. A prosódia da boca tem vários aspectos de articulação, raro de oralização no Português, fechar e abrir a boca, muita articulação, movimentos que mostram a oralização e boca séria. Todas as universidades federais apresentaram os trabalhos de classificador/descrição imagética. A exceção foi a UEL que não apresentou esse trabalho.

Após os estudos de levantamento bibliográfico, foram identificados os dados nos sites publicados pelas universidades federais UFSC, UFT e UnB, e à UFG foi solicitado o pedido de envio de material. A universidade estadual, UEL, enviou materiais das tradutoras com autorização (as imagens aparecem nos próximos capítulos). Essa pesquisa está registrada na Plataforma Brasil. Por fim, após as leituras, vêm as anotações de fichamento, e os resultados obtidos.

8.1.O passo a passo da metodologia de pesquisa utilizada

A análise da pesquisa foi demonstrada por meio das várias informações e observações acerca dos estudos com o *corpus* coletado. Foi investigada a tradução para Libras nos exames vestibulares das universidades federais UFSC, UFG, UFT, UnB e da universidade estadual UEL, com o intuito de esclarecer as questões de prosódia na tradução das provas e proporcionar um melhor entendimento aos candidatos surdos, conforme Decreto nº 5.626 de 2005, que garante o acesso das pessoas surdas à educação.

Utilizei os dados dos *corpus* de análise linguística da prosódia, buscados nos vídeos de provas adaptados dos vestibulares traduzidos para Libras, em diferentes lugares do Sul e do Norte. Resumidamente, o desenvolvimento do trabalho seguiu as seguintes etapas:

- ✓ levantamento bibliográfico das teorias de tradução;
- ✓ por meio de observações dos vídeos de tradução para Libras (provas de vestibulares: UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL), foi investigada, do ponto de vista da fluência da Libras, a prosódia dos tradutores em suas produções sinalizadas;
- ✓ análises dos constituintes prosódicos dos tradutores nos vestibulares UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, e busca de algumas estratégias de tradução do Português para a Libras;
- ✓ proposta dos exemplos nos modelos estratégicos de padronização das técnicas de tradução dos vestibulares.

A proposta para a pesquisa é buscar a melhora das estratégias técnicas de gravação dos trabalhos dos tradutores, com boa qualidade de prosódia e clareza na tradução para traduzir os textos de Português para a Libras, com vistas a diminuir as dificuldades dos candidatos surdos. Mas há dificuldades para traduzir por falta de modelos estratégicos de padronização das técnicas de tradução dos vestibulares, há propostas diferentes entre as universidades, além de que alguns tradutores não têm os conhecimentos necessários dos procedimentos das referidas técnicas na tradução.

Primeiramente fui para a Universidade Estadual de Londrina – UEL, onde a responsável do COPS solicitou os materiais de prova do vestibular 2012 com tradução para Libras. Entregaram-nos o CD-Rom e as questões da prova. A análise nesta pesquisa foi baseada nas

comparações dos vídeos das provas vestibulares da UFSC, UFG, UFT e UnB, principalmente análises de constituintes prosódicos dos tradutores.

Os vídeos da UFSC foram baixados pelo site do COPERVE. À UFG foi mandada uma carta solicitando o envio dos materiais, e as tradutoras me entregaram os vídeos. As provas de vídeos das universidades federais UFT e UnB foram colocadas nos sites¹³ COPESE, pela UFT, e o site CESPE UnB. Usei os vídeos destes materiais como base da pesquisa.

8.2. As diferenças dos perfis dos tradutores dos vestibulares UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL

Os perfis dos tradutores (surdos e ouvintes) que participaram desta pesquisa envolvem uma formação superior em diferentes áreas e fluência na Língua de Sinais. Todos eles já concluíram Pós-graduação na área de Educação, Surdez e Libras. Há vários mestres e alguns estão concluindo mestrado e mestre.

As tradutoras da UEL são professoras efetivas de ensino de Libras na Universidade Estadual de Londrina – UEL, os trabalhos são desenvolvidos para ensinar a Libras nos cursos da graduação (disciplinas optativas e obrigatórias). A graduação da UEL, que tem Libras em seus cursos, construiu o processo de inclusão na universidade pública, trabalhando com os processos de conhecimentos da cultura surda.

Na Universidade Federal de Goiás – UFG, as tradutoras (surda e ouvinte) são professoras efetivas. Uma delas já possui o grau de mestre pela UFSC, e a outra está finalizando seus estudos de Mestrado. Elas já fizeram muitos cursos, participaram de eventos e palestras sobre Libras, educação dos surdos, políticas e cultura da comunidade surda. Estas tradutoras têm buscado manter contatos com a UFSC, instituição que sempre motivou os estudos da tradução e interpretação das equipes profissionais TILSP. Em função disso, trabalhamos somente com a comparação de vídeos e avaliação da prosódia nas tradutórias.

¹³ As provas adaptados dos vídeos na tradução para Libras nas universidades federais UFT
 (http://www.copese.uft.edu.br/index.php?option=com_content&task=view&id=188&Itemid=322) e o UNB
 (http://www.cespe.unb.br/vestibular/vestunb_15_1_libras/).

Destacamos que a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, já está em processo mais avançado do que estas quatro outras universidades, UFG, UFT, UnB e UEL. Existem os profissionais TILSP, com experiências na prática tradutória, abordados detalhes dos modelos de trabalho o curso de Letras/Libras.

Quanto aos demais tradutores, na universidade UFT aparecem dois profissionais, sendo que o rapaz é ouvinte. É professor no curso de licenciatura em Letras/Libras. Graduou-se em dois cursos, Fisioterapia e Letras/Libras, bacharelado pelo pólo do IFG (Goiânia-GO) e mestre em Letras e Linguística pela UFG. Possui certificados da Prolibras como intérprete (2007) e instrutor (2008). Na época, fazia junto com a tradutora surda, os vídeos de traduções das provas de ciências, geografia e história em Libras. Usavam, primeiramente, as glosas e depois filmavam e traduziam os vídeos. Fazia também as filmagens, editavam e seguiram os exemplos de formatação das normas da Revista Brasileira de Vídeos Registros em Libras, da UFSC. A tradutora surda é formada em Letras/Libras e especialista em linguística aplicada. O trabalho deles na tradução do vestibular foi a primeira vez. Na verdade, não foi tradução, eles formularam as quinze questões em Libras e depois filmaram. A universidade UFT realizou o primeiro vestibular com a equipe da UFG. Eles fazem a tradução do vestibular para Letras/Libras, foi assim que os dois professores estiveram na elaboração das questões em Libras e também nos orientando em relação às filmagens. Os dois profissionais da TV atuaram na manipulação das câmeras, cenário, iluminação e edição dos vídeos.

A universidade federal UnB tinha uma tradutora que é surda, desde os 2 anos de idade. Aprendeu a Libras com 4 anos de idade com os surdos e convive na comunidade surda. Formada de Letras/Libras, mestre em linguística, agora é doutoranda em Linguística.

Infelizmente, a UEL não teve a mesma situação como nos exemplos da UFSC, UFG, UFT e UnB. As responsabilidades na UEL não são claras e também não há clareza sobre as particularidades do processo e como ele deve ser desenvolvido. Não foram seguidos os exemplos do modelo da UFG nos levantamentos de leitura global, leitura detalhada, descrição de glosas e filmagens. Porém, ainda assim, sem seguir estes exemplos, o trabalho da tradução foi razoável. Mas acabou deixando os candidatos ao vestibular em situação de desconforto.

De posse dos materiais, foram assistidos os vídeos das provas dos vestibulares e registrados os constituintes prosódicos utilizados pelos

tradutores dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL. Tudo isso foi muito motivador nessa pesquisa de mestrado, para superar os desafios durante estes registros. A escolha dos referenciais teóricos foi também muito importante porque foram consultados destacados autores na área de tradução e de estudos da Língua de Sinais.

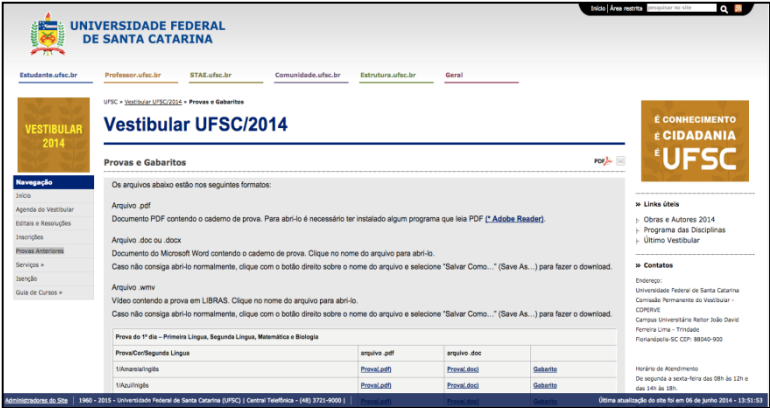
8.3. Métodos das análises da prosódia na tradução das provas dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL

A metodologia usada nessa pesquisa levou em conta as análises sobre a tradução da Língua Portuguesa escrita da prova de vestibular, para a Língua Brasileira de Sinais – Libras em vídeo, da mesma prova, focada no estudo da prosódia. Foram utilizados, como recursos, os vídeos das provas vestibulares das universidades públicas já citadas. A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, teve analisada a prova de vestibular de 2014, com vagas para quaisquer cursos. Existe outro processo seletivo, Libras EAD UFSC 2014, somente para o curso de Letras/Libras que teve 20 questões traduzidas de Libras; neste caso não fiz análise.

Os quadros 03, 04 e 05 representam provas separadas; assim os vídeos tiveram a participação dos profissionais TILSP com conhecimentos de disciplinas específicas. Os primeiros trabalhos de tradução para Libras no vestibular da UFSC foram no ano de 2006 para o vestibular do curso de Letras/Libras. E a universidade não parou mais. A cada vez foi melhorando a estética da tela dos vídeos e, buscando mais profissionais com experiência em tradutória cultural que respeitasse a linguística dos surdos.

Atualmente, mais universidades oferecem as provas de vestibulares com tradução para Libras, respeitando a acessibilidade para a inclusão em seus corpos de alunos.

Quadro 03: Página do site COPERVE



Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

Quadro 04: Calendário de provas e escala de TILSP

1/Rosa/Italiano	Prova1.pdf	Prova1.doc	Gabarito
1/Laranja/LIBRAS	Prova1.pdf	Prova1.doc	Gabarito
1/Marrom/Língua Portuguesa	Prova1.pdf	Prova1.doc	Gabarito
Prova LARANJA do 1º dia – Segunda Língua LIBRAS			
Segunda Língua LIBRAS (.wmv) 147Mb			
Prova MARROM do 1º dia em LIBRAS			
Primeira Língua LIBRAS (.wmv) 1333Mb			
Matemática (.wmv) 162Mb			
Biologia (.wmv) 196Mb			
Prova do 2º dia - História, Geografia, Física e Química			
Prova/Cor	arquivo .pdf	arquivo .docx	
2/Amarela	Prova1.pdf	Prova1.docx	Gabarito
2/Azul	Prova1.pdf	Prova1.docx	Gabarito
2/Verde	Prova1.pdf	Prova1.docx	Gabarito
2/Violeta	Prova1.pdf	Prova1.docx	Gabarito
Prova do 2º dia em LIBRAS			
História (.wmv) 1117Mb			
Geografia (.wmv) 150Mb			
Física (.wmv) 1199Mb			
Química (.wmv) 1118Mb			

Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

Quadro 05: O último dia de prova, de redação e questões discursivas de Língua Portuguesa (traduzida em Libras), mas os candidatos surdos tiveram que realizar a prova redação escrita em L2.

Prova do 3º dia - Redação e Questões Discursivas			
Prova	arquivo .pdf	arquivo .doc	arquivo .pdf
Prova 3º dia – Marfim	Prova1.pdf	Prova1.doc	Gabarito
Prova do 3º dia em LIBRAS			
Redação e Questões Discursivas (.wmv) 198Mb			

Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

No quadro 04, o site mostra as provas separadas (escrita, na LP) e também os vídeos (tradução para Libras); outro detalhe, também no quadro 05, é que houveram três provas, havendo assim profissionais TILSP específicos para cada disciplina.

O vestibular da Universidade Federal de Goiás - UFG de 2012, analisado na pesquisa, teve apenas 30 questões nas provas para o curso de Letras/Libras.

Por último, na Universidade Estadual de Londrina – UEL foram usados os vídeos de tradução para Libras do ano de 2012, que apresentavam as 60 questões traduzidas por duas tradutoras, sendo uma surda e a outra, ouvinte. As vagas oferecidas eram para quaisquer cursos. Todas as questões foram transcritas e analisadas pelo programa *Windows Live MovieMaker*, registrados os fichamentos, o material da UEL (vídeos em DVD) foi cedido para a pesquisadora, o que possibilitou o levantamento dos tipos prosódicos da tradução. A seguir serão apresentados os aspectos analisados nesse estudo por meios de figuras e tabelas.

Sobre o vestibular da Universidade Federal de Tocantins - UFT de 2015, foram analisadas apenas de 15 questões da prova adaptada para Libras, para o curso de Letras/Libras. A fluência é de boa qualidade, mas a entonação na prosódia não ficou boa. Houveram alguns problemas com os detalhes da expressão da boca, por não articular muito, e com pequenos movimentos do olhar, ênfase e expressão facial. Os vídeos da tradução para Libras mostraram bastante clareza, mas infelizmente mostraram pouca descrição imagética (DI), porque quase todas as questões mostram as figuras do vídeo.

Outro detalhe é que no vestibular da Universidade de Brasília – UnB de 2015, somente uma tradutora fez a tradução de todas as questões e alternativas na prova de Letras/Libras. Percebem-se algumas falhas de prosódia como o olhar (no olhar focado para baixo – preocupado com a leitura na tela), e na datilologia, ela foi fazendo a movimentação no peito, da esquerda para a direita, isso complicou a visualização. Com o intuito de melhorar as técnicas da prosódia e padronizar os modelos de estratégias na adaptação para os outros vestibulares, foram selecionadas algumas situações para fazer a comparação da prosódia na tradução de Português para a Língua Brasileira de Sinais, usados os quatro tipos prosódicos nas categorias de 1. datilologia, 2. olhos, 3. boca e por o último 4) classificador/descrição imagética. São medidas importantes para acabar com as falhas e desgostos para aos candidatos surdos durante a prova e

mudar a realidade pelo apoio aos profissionais tradutores e pelo uso estratégico com boa qualidade nas filmagens para os vídeos na tradução para Libras.

O *corpus* foi dado a partir de observações das traduções para Língua Brasileira de Sinais – Libras, realizadas pelos tradutores da UFSC, pelas duas tradutoras da UFG, além de analisados os dois tradutores na UFT, e uma tradutora da UnB e também pelas observações das duas tradutoras da UEL. As cenas escolhidas são referentes aos vestibulares que ofereciam a tradução do Português para Libras, e foram enfocados os processos prosódicos em cinco vídeos especificamente, dos vestibulares UFSC 2014, UFG 2012, UFT 2015, UnB 2015 e UEL 2012. Esta comparação entre as produções dos tradutores mostra que o processo do ato tradutório é mais complexo.

Essas análises mostram detalhes da prosódia utilizada: “olhares” dos tradutores diante da câmera digital, os movimentos da “boca” e sua influência na expressão facial (bochecha, abrir, fechar, batidas) ou na boca oralizada, o uso ou não dos “classificadores/sinal imagética”.

As formas de uso da “datilologia”, com soletração rápida ou em velocidade normal, os espaços onde sinalizar (lado do ombro, frente do peito e frente ao rosto) são consideradas situações que envolvem o contexto de interpretações do público-alvo (candidato surdo) no vestibular.

Aliás, essas categorias são importantes para a comunidade surda, para a análise linguística, comprovando as estratégias de constituintes prosódicos. Serão apresentados os aspectos analisados nesse estudo com os exemplos de imagens na seção 9.1.

É importante considerar aqui que a escolha das cenas de prosódia contribuiu para uma melhor compreensão da interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, nas traduções observadas nas provas dos vestibulares e realizadas pelos tradutores de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL. Considero que com os exemplos dos elementos prosódicos e a proposta das diferentes estratégias das tradutórias apresentadas a seguir, é possível observar as categorias de análise de cada universidade.

9. ANÁLISE DOS DADOS NA TRADUÇÃO DAS PROVAS DE VESTIBULARES UFSC, UFG, UFT, UnB E UEL

O objetivo do penúltimo capítulo dessa pesquisa é descrever as performances do processo de tradução para Libras dos vestibulares. Ficaram demonstrados no capítulo anterior, a solução que se apresenta seria a melhoria da prosódia usada nas traduções de Libras na prova do exame vestibular da UEL e outras universidades, como UFT e UnB. E a comparação com as técnicas dos outros vestibulares nas universidades federais UFSC e UFG poderia ajudar.

Nesse contexto, também se pretendeu investigar como são trabalhadas as técnicas de tradução do texto em Português para a Libras e, ainda, como se caracteriza a prosódia na tradução das questões da língua espaço-visual como a Libras.

Com base na importância da tradução para a Libras, a adoção de um modelo de tradução para nortear a equipe dos tradutores (ouvintes e surdos) é um fator importante para dar soluções às tradutórias.

9.1. *Corpus* de análise: por que categorizar?

Aqui importa, principalmente, analisar as provas dos vestibulares da UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, e fazer sugestões para que se possam padronizar os modelos nos trabalhos tradutórios de Libras nos vestibulares no Brasil. Assim, se pode realizar uma boa tradução cultural que respeite as características linguísticas dos usuários da L1.

As questões até aqui expostas são confirmadas pelas palavras da pesquisadora surda, Gladis Perlin (p. 54, 1998), “os surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva”. Então, para os surdos é necessário ter uma compreensão concreta e não abstrata.

Para se explicar os significados não é necessário mostrar o texto da questão da prova concretamente, mas demonstrar o sinal correto/adequado para que o candidato surdo possa representar mentalmente o objeto. É sinalizar a imagem do sinal de tal forma, que permita o reconhecimento do significado do conceito envolvido na questão.

Quando é mostrada a palavra (sinalizada do Português) deveria haver uma explicação sobre “o que a coisa é”, a tradução das questões teria que ter clareza. Destaca-se que esta proposta tem a preocupação com a qualidade de tradução ao demonstrar o significado em Língua Portuguesa. O processo da tradução nos textos (questões da prova de

vestibular) possibilita a construção das duas línguas diferentes (LP e LS). Dessa situação, observa-se que o uso do sinal da palavra tem vários significados diferentes no contexto e relaciona a prosódia com as diferenças linguísticas entre LP e a LS.

E as universidades UFSC, UFG, UFT e UnB são os bons exemplos de modelos de questões com mais clareza. Propõe-se uma perspectiva em que as informações, a falta de padrão de tradução, e a comunidade surda na região Sul, inclusive do Paraná, possam se basear nos exemplos das universidades UFSC e UFG. A padronização dos modelos da tradução em Libras é um processo importante, principalmente na área de vestibular, possibilitando que as questões da prova de vestibular sejam adequadamente tratadas na tradução.

Para promover esta discussão me proponho a responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Quais são as funções prosódicas (discursiva, demarcativa ou de proeminência – no plano linguístico) identificadas nas traduções dos vestibulares para Libras?* Neste momento da pesquisa a pergunta vem carregada com a informação sobre as análises das categorias, em busca das dificuldades apresentadas nas atividades destes tradutores.

O motivo pelo qual foi proposto pesquisar esse tema é a preocupação da autora pela falta de estratégias de tradução nas questões interpretativas, inclusive não utilizando as fases (global, detalhada, descrição em glosas, filmagem pronta e esquemas visuais). Também a busca por mais informações sobre a prosódia na tradução das universidades públicas UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, sobretudo para esta pesquisa de base interpretativa, desenvolvida sob a perspectiva de comparações de prosódia.

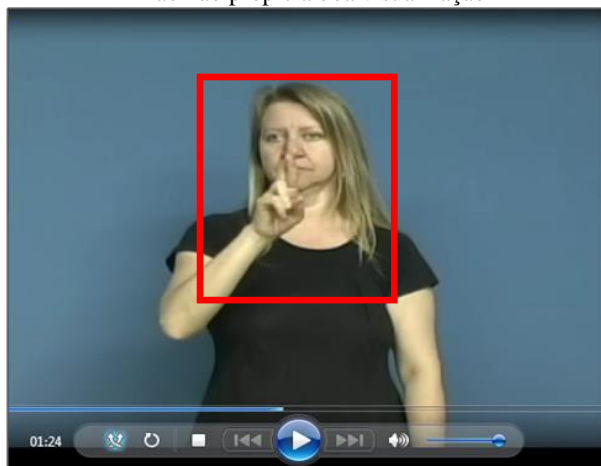
A fase era de observação das provas de vestibulares da UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, com ênfase na comparação dos processos prosódicos. De posse dos materiais, foram assistidos os vídeos das provas dos vestibulares e registrados os processos prosódicos dos tradutores dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL. Tudo isso foi muito motivador nessa pesquisa de mestrado, para superar os desafios durante estes registros. A escolha dos referenciais teóricos foi também muito importante porque foram consultados destacados autores na área de tradução e de estudos da Língua de Sinais. Apresento, também, nesta seção, o resultado das minhas reflexões sobre as gravações de tradução para Libras, para melhorar os trabalhos dos tradutores e trazer mudanças nas provas para aos candidatos surdos.

Pretende-se aqui mostrar as mudanças realizadas no processo da tradução para a Língua de Sinais para se conseguir alcançar a linguagem padronizada pelo uso das técnicas de tradução cultural e o uso da prosódia no que diz respeito aos sinais empregados na comunidade surda.

A proposta que apresento está construída na necessidade da prosódia nas categorizações linguísticas e na tradução na língua de sinais, por isso pergunto: “Porque estudar os constituintes prosódicos da língua de sinais?”. Coloco neste trabalho as análises dos marcadores prosódicos, investigados nas quatro categorias: 1. datilologia, 2. olhos, 3. boca e 4. classificador/descrição imagética. Refere-se ao uso prosódia na língua de sinais, o objetivo é utilizar a expressão facial e a corporal para facilitar a tradução com base nos aspectos visuais. Isso auxilia na compreensão e tradução gramatical visual, que possibilitou as comparações dos vídeos nas provas vestibulares com tradução para Libras no Brasil. Vejam os resultados na seção 9.2.

Vejamos que aqui aparecem as falhas. Observe que na figura 10 é possível ver a tradutora soletrando a palavra com a datilologia (R-A-D-I-A-T-I-V-I-D-A-D-E) em frente ao rosto, o que atrapalhou a leitura da palavra (prosódica atrapalhada). Não faz sentido à soletração na frente do rosto e, nesse caso, a pele da mão e do rosto não propiciaram boa visualização. E após o uso da palavra com a datilologia, não apresentou um sinal e nem o sinal imagético. No vídeo da UEL forma mostradas 51 soletrações, com movimentos variáveis como soletrar em frente ao rosto, ao peito, movendo da esquerda para direita, com rapidez, além de alguns cortes durante a soletração da palavra.

Figura 10: Prosódia prejudicada pela soletração em frente ao rosto. A pele da mão não propicia boa visualização

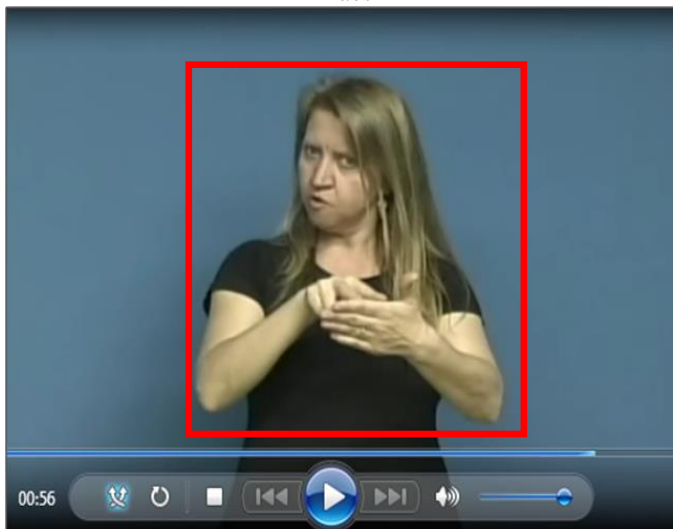


Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

A seguir figura 11, no qual a tradutora não traduziu as alternativas da questão, os candidatos surdos tiveram que ler o texto em Português. “Quebrou” a expressão facial específica da Libras (analisada a prosódia, apresentou um complexo que envolveu olhares sérios, as mãos e a boca oralizada que sinalizava “olha” o texto).

Não foi apresentada a tradução gramatical da Libras e as expressões faciais são importantes para a tradução cultural. Os surdos são focados na expressão, e o que eles viram foi o que ela lhes mostrou: uma cara séria que mandava fazer a leitura da prova escrita em Português.

Figura 11: Complexo prosódico envolvendo movimentos de olhos, boca e mãos



Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

Olhares sérios para a câmera, mãos e boca oralizada sinalizando “olha”, leia a questão. Assim, para esclarecer a pesquisa, foram buscadas as dificuldades do trabalho tradutório, explicadas pela falta de compreensão da Língua de Sinais. O ideal seria melhorar essas práticas, evitando as falhas e os complexos prosódicos.

9.2. Análises em categorias dos processos prosódicos

A partir deste seção serão especificadas as categorias nos processos prosódicos, seguidas de outros exemplos de uso da prosódia na interpretação em ASL (American SignLanguage), definidas pelas autoras Nicodemos e Smith (2006). Na análise das propostas feitas pelas autoras, são quatro as categorias com os marcadores prosódicos: mãos; cabeça e pescoço; olhos e nariz; e boca. O objetivo do estudo foi relatar os tipos de análises com a ocorrência de marcadores prosódicos, seus trabalhos com a interpretação da palestra, e a avaliação da fluência dos surdos na interpretação da ASL. O vídeo foi dividido em três seções: 1. direções, 2. prática, 3. interpretação. Foram gravados os tipos de

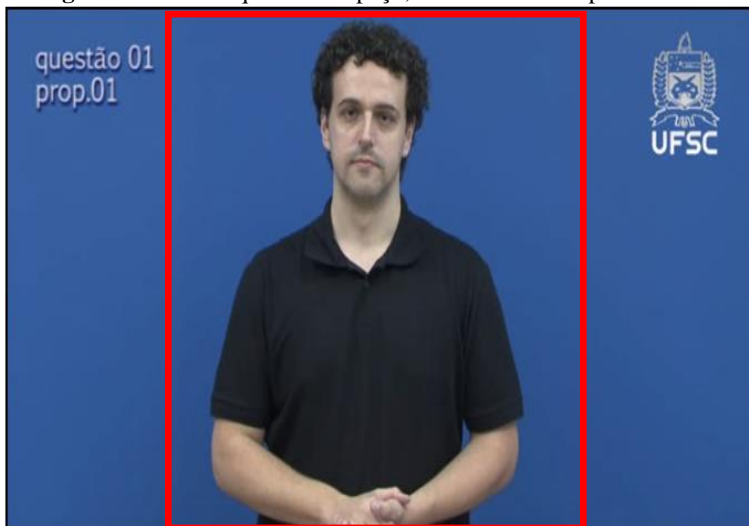
marcadores de prosódia. Sobre os marcadores prosódicos foram analisados os movimentos específicos do intérprete, investigados, analisados e produzidos os marcadores prosódicos com base nas quatro categorias que utilizam língua de sinais. As categorias são: 1. mãos; 2. cabeça e pescoço; 3. olhos e nariz; e boca, 4. corpo. Foram descritos os marcadores prosódicos específicos para cada categoria.

As autoras Nicodemos e Smith relatam que há poucos estudos de olhar para os "intérpretes" no uso de prosódia. Esta questão é importante, porque os intérpretes precisam usar eficazmente a prosódia, que podem facilitar os processos de interpretação.

Então, considerando as análises dos marcadores prosódicos investigados das provas de vestibulares no Brasil, principalmente nas universidades UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, com detalhamento das categorias, a minha proposta é: datilologia (com o movimento da mão), olhos (mudança dos olhos), boca (articulação e mudanças nas bochechas) e a descrição imagética (movimento corporal com a direção e repetitivo).

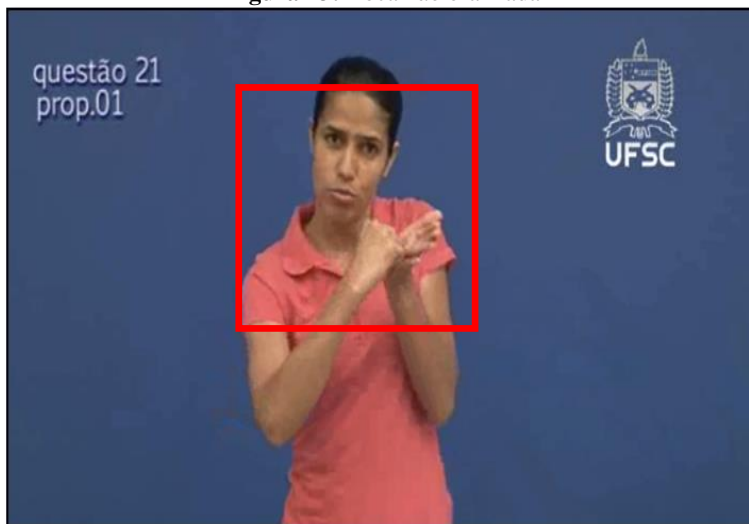
Vejam aqui os resultados dos marcadores prosódicos com os tradutores (as):

Figura 12: Uso adequado do espaço, das mãos e da expressão facial



Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

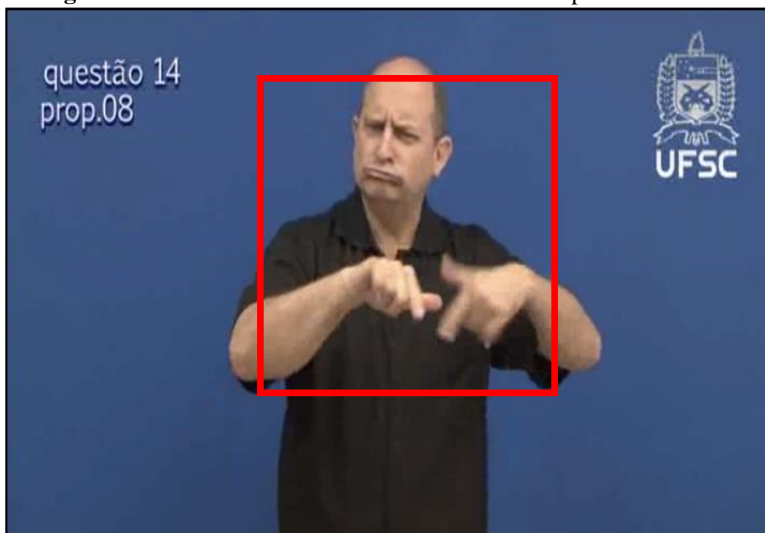
O uso do espaço sinalizado está perfeitamente adequado. As mãos cruzadas servem para indicar onde se pode recortar as gravações (fica mais fácil de cortar), e também podem mostrar o momento de finalizar o vídeo. A expressão facial é natural e a postura, formal. O ator demonstra estar consciente de que deve traduzir com boa fluência e clareza.

Figura 13: Boca não oralizada

Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

Os movimentos da boca e sua boa articulação facilitam a boa prosódia. No caso desta tradutora, ele diminui o movimento da boca e a fecho, para esclarecer que foi pedido um “parágrafo curto”. É necessário adaptar o uso da prosódia na tradutória da Língua de Sinais, para que o aluno não necessite depender da leitura do texto (LP).

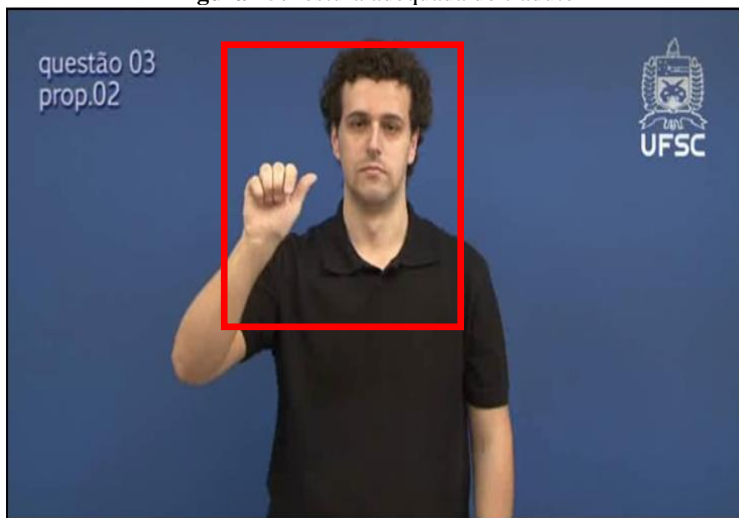
Figura 14: Velocidade do movimento das mãos e expressões faciais



Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

O movimento rápido das mãos significa muito trabalho. Vêm juntos a expressão facial e o olhar sério diretamente para a câmera. E a boca fechada expressa cansaço. Segundo Segala (2010), o tradutor experiente com a estrutura da língua, usa as expressões faciais e corporais.

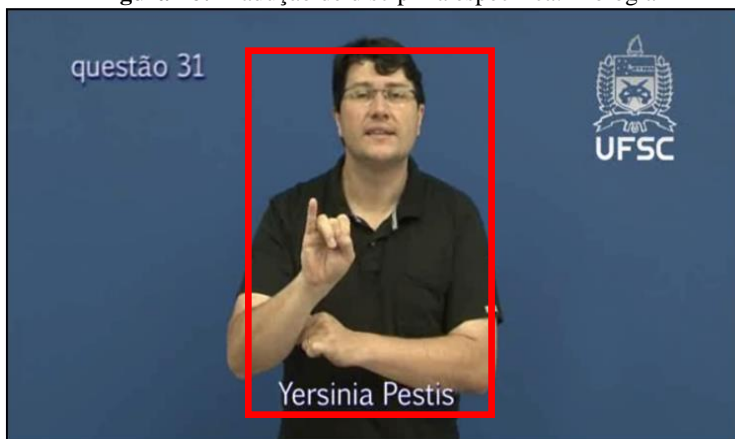
Figura 15:Postura adequada do tradutor



Fonte:<<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

A soletração foi feita ao lado do ombro, em frente ao corpo. O fundo azul não prejudicou a leitura da mão. Expressão facial neutra (olhos focados na câmera), a boca não oralizava quando soletrava a palavra (neste momento sem legenda). Conforme Venutti (1995) é uma situação em que o tradutor tem o objetivo de traduzir os textos estrangeiros para domesticadores.

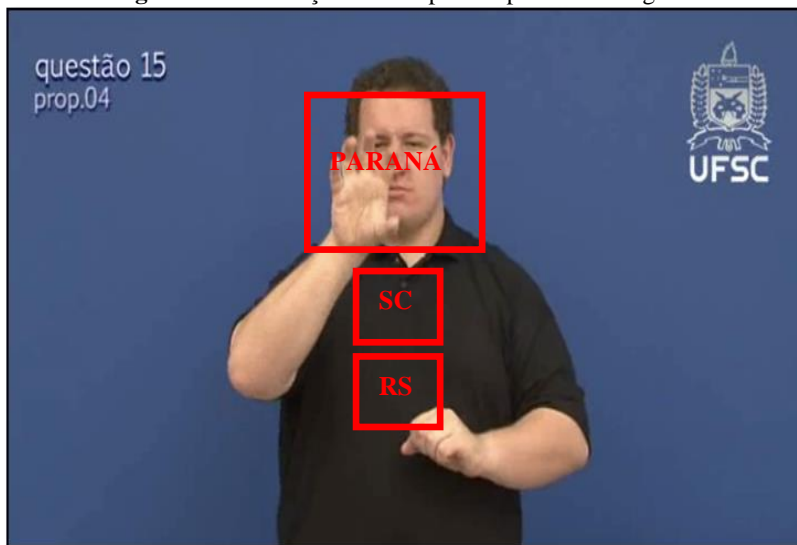
Figura 16: Tradução de disciplina específica: Biologia



Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

O tradutor traduziu para Libras questões de Biologia. Quando soletrava o nome (aparece o legendado), o fez em frente (peito) ao corpo. A camisa de cor escura e a cor da pele fizeram um contraste que não dificultou a visão do movimento. Tradutor mostrou a expressão facial neutra, mas no momento de soletração começou abrir a boca (falou o nome da bactéria “Yersinia Pestis”), no momento seguinte não oraliza mais, mas faz ainda pequenos movimentos da boca. A estratégia minorizante de Venutti (1995) pode ser aplicada à LS, pois põe a língua e a cultura diferentes em primeiro lugar, sem falar dos valores e regras, o que ajuda os surdos a não sentir desconforto ao ler a tradução.

Figura 17¹⁴: Tradução de disciplina específica: Geografia



Fonte: <<http://www.vestibular2014.ufsc.br/provas-e-gabaritos/>>

Sinalizou o classificador/descrição imagética movimento da mão, de cima para baixo (mostrou os três estados do sul separados, boa visualização para a região do mapa do Brasil). O tradutor descreve o espaço e a localização: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É necessário visualizar os sistemas de classificação, isso facilita a compreensão da questão traduzida. O movimento corporal da descrição imagética é utilizado para a tradução gramatical visual (sinais visuais) para ajudar na compreensão dos conceitos, demonstrando os locais no mapa. (Comentário de Campello, 2008).

¹⁴ Estes vídeos foram gravados do estúdio na UFSC, de forma bastante adequada. A parede azul é suficiente para a visualização e há uma marca UFSC ao lado do tradutor. A iluminação foi boa para a cor da pele, não atrapalhou, de forma nenhuma, a prosódia de Libras.

Figura 18: Postura adequada da tradutora



Fonte: Imagem do vídeo recebido por e-mail, de prova não divulgada no site.

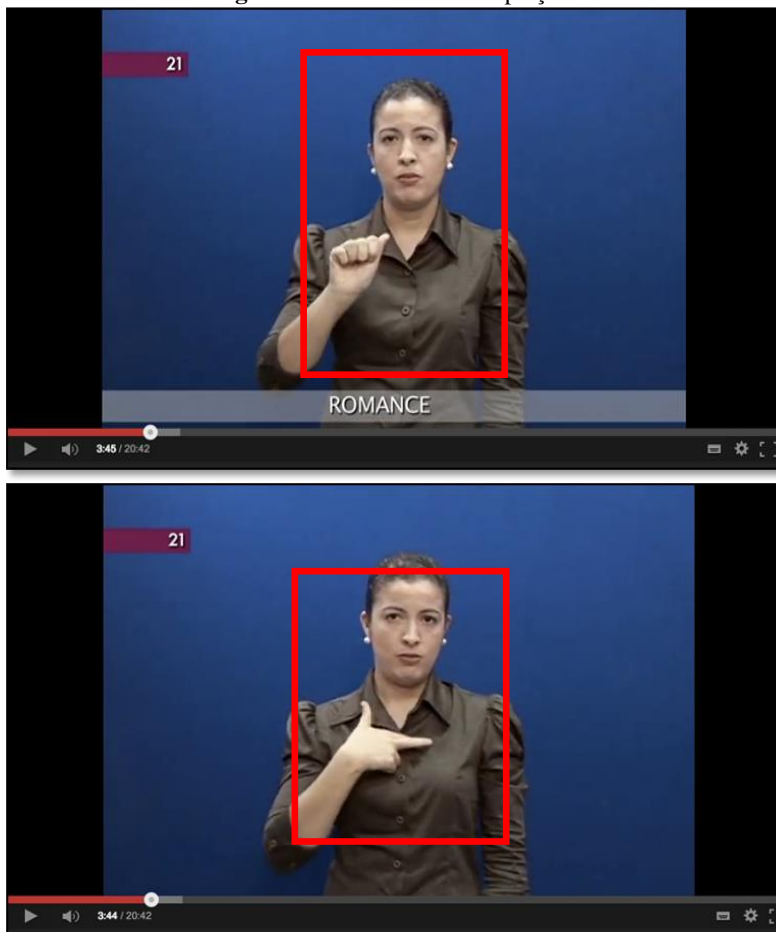
A tradutora soletrou, em frente ao corpo, o nome que aparece legendado. A blusa preta não atrapalha a visualização da mão, e o fundo azul e a boa iluminação dão clareza. A expressão facial é neutra e a tradutora não abriu a boca quando soletrou o nome. Os olhos atentos olhavam diretamente para a câmera. Mesma situação da figura 15, conforme estratégia do Venutti (1995).

Figura 19: Situação de prosódia evidenciada



Fonte: Imagem do vídeo recebido por e-mail, de prova não divulgada no site.

A tradutora evidencia a expressão facial, puxando e diminuindo o movimento da boca. Dá sentido aos aspectos prosódicos e destaca a ordem lexical (afirmativas). Olhos focados na câmera. Situação parecida com a da figura 13, em que a tradutora tem que se preocupar em adaptar a prosódia na tradução em Libras.

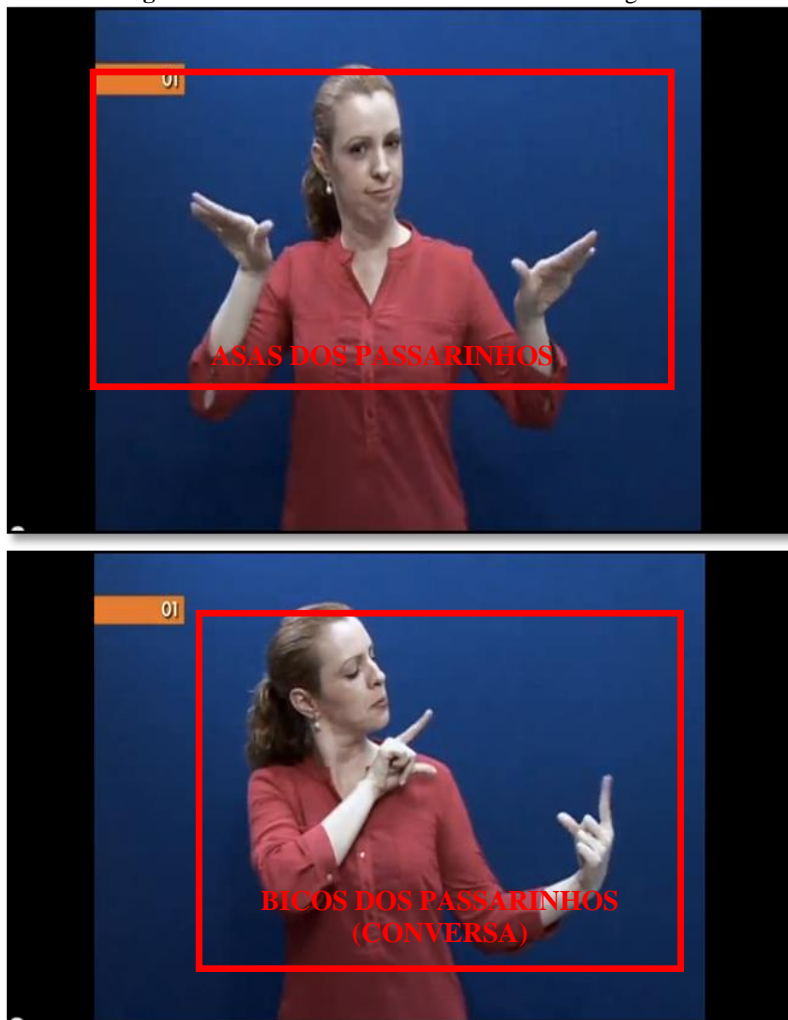
Figuras 20 e 21: Uso de adaptações

Fonte: Imagem do vídeo recebido por e-mail, de prova não divulgada no site.

Na Libras, primeiramente soletrou a palavra R-O-M-A-N-C-E (aparece na legenda), depois mostrou o sinal de romance, localizado no peito. O local de soletração é o mesmo da tradutora/atriz da figura 19. Expressão facial neutra, não abriu a boca quando soletrou a palavra, os olhos atentos diretamente para a câmera. Mostra que é possível fazer adaptações na tradução dentro da cultura surda (após a datilologia usou o sinal de

“Romance”), possibilitando uma leitura prazerosa.

Figuras 22 e 23: Uso de classificadores/sinal imagética

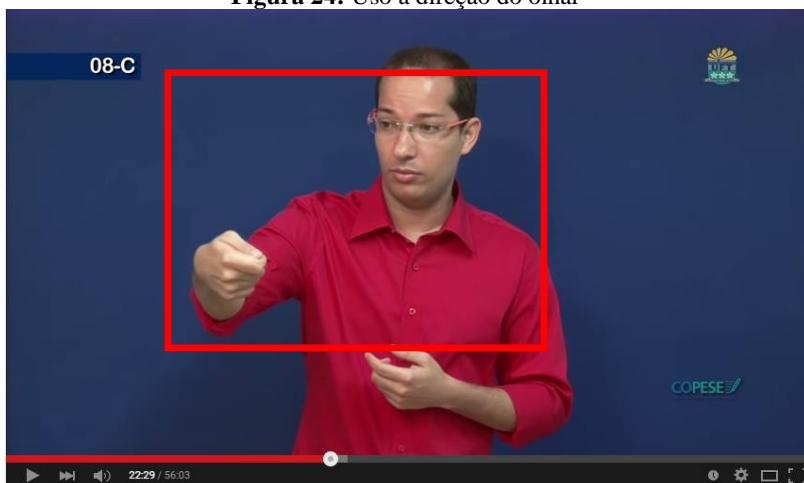


Fonte: Imagem do vídeo recebido por e-mail, de prova não divulgada no site.

Foi necessário o uso de classificadores/sinais imagéticos para especificar o movimento de asas e bicos dos passarinhos que representavam os desenhos

da questão no vestibular. A tradutora usa a forma gestual, para esclarecer a pergunta traduzida. O olhar foi mostrado pelas mãos em forma de bicos de passarinhos conversando. As figuras encontram correspondência em Campello (2008) e Segala (2010), que utilizam os sinais visuais como classificadores e demonstradores das expressões faciais/corporais. A tradutora surda mostrou ter consciência de que deve traduzir com clareza.

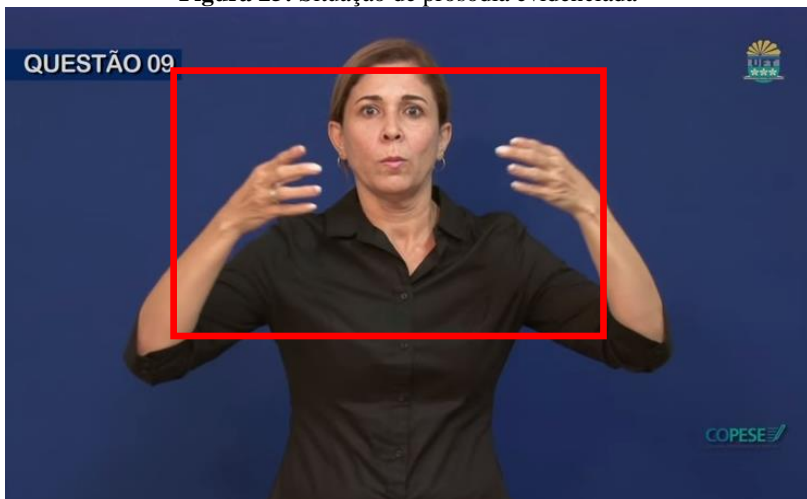
Figura 24: Uso a direção do olhar



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>>

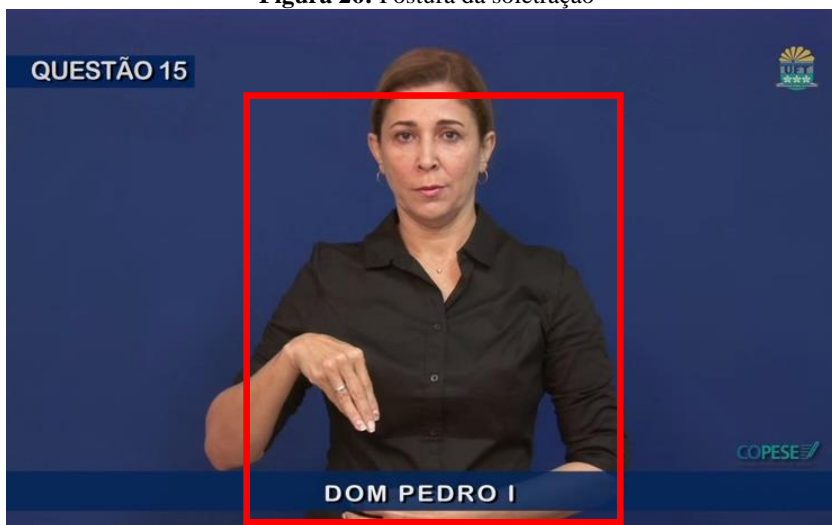
O tradutor evidenciou a mudança na direção do olhar e também o movimento das sobrancelhas, não articulou nenhum movimento da boca e apresentou uma leve expressão facial. Dessa forma, deu sentido aos aspectos prosódicos e destacou a ordem lexical (afirmativas). Os olhos e a cabeça foram focados na direção direita em “frente do sinal para a pessoa”. A prosódia nesta tradução em Libras ficou natural.

Figura 25: Situação de prosódia evidenciada



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>>

Para expressar a mensagem a ser dada, de aumento de grau, foi necessário dar ênfase aos olhos que ficaram focados diretamente na câmera. A tradutora não apresentou boca oralizada, somente uma articulação facial, com movimentos de abrir, fechar, aumentando o tamanho das bochechas. É necessário adaptar o uso da prosódia na tradutória da Língua de Sinais.

Figura 26: Postura da soletração

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>>

A tradutora soletrou, sem movimentos para aos lados, em frente ao corpo, o nome que aparece legendado. A blusa preta não atrapalhou a visualização da mão, e o fundo azul e a boa iluminação deram clareza. A expressão facial é neutra e a tradutora não abriu a boca quando soletrou o nome. Os olhos atentos olhavam diretamente para a câmera. Mesma situação da figura 19.

Figura 27: Traduzido pela a descrição imagética

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QQ9HgkWLz4M>>

A tradutora usou a classificador/sinais imagéticos para identificar a pessoa.

Primeiro a ela mostrou as formas do movimento corporal, aqui foi citado a expressão facial com uma forma de bigode. Depois disso apareceu a alternativa de uso da figura. A tradutora surda mostrou ter consciência de que deve traduzir com clareza.

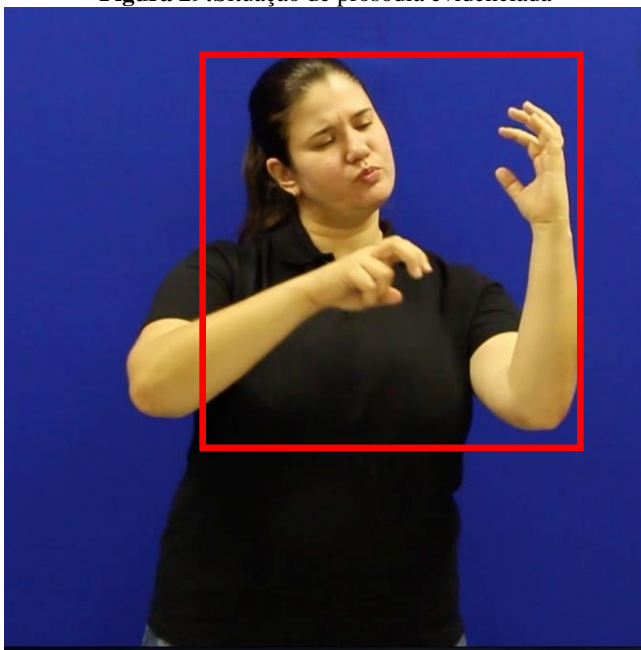
Figura 28: Movendo a soletração em frente ao peito da direita para esquerda



Fonte: <http://www.cespe.unb.br/vestibular/VESTUNB_15_1_LIBRAS/>

Soletração feita em frente do peitonão ficou boa. As cores da blusa e da cor da pele colidiram com a iluminação forte. Não oralizou, articulou um pequeno movimento da boca com os sinalizantes. Outra detalhe, houve mudança da soletração do movimento a direita para a esquerda, pois a tradutora focou no *feedback* do texto em baixo câmera - aqui já se percebe que os olhos ficaram atentos para o chão e preocupada com o erro da palavra, e havia também o corpo que se mexia com movimento repetitivo. Aparece também uma legenda longa, e visualmente a leitura, na tradução, não ficou boa.

Figura 29: Situação de prosódia evidenciada



Fonte: <http://www.cespe.unb.br/vestibular/VESTUNB_15_1_LIBRAS/>

Sinalizou o classificador/descrição imagética do movimento corporal e os braços aparecem diferenciados, um deles representa um objeto concreto. É necessário visualizar os sistemas de classificação utilizados na tradução gramatical visual (sinais visuais) para ajudar na compreensão dos conceitos. (Comentário de Campello, 2008). Em outro detalhe, os olhos mudaram de direção, acompanhando a dos sinais (veja a figura). As sobrancelhas e as bochechas indicam mudança de grau.

Figura 30¹⁵: Dificuldades com soletração e prosódia



Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

A soletração não foi adequada, pois foi feita em frente do rosto. A cor da pele (mão e rosto) não possibilitou clareza na leitura da palavra soletrada. A soletração deveria ter sido em frente ao peito para melhor visualização, já que a cor preta da blusa ajuda na leitura. A tradutora mexia muito a boca (oralizava) e os olhos aparentavam estar meio perdidos, olhava para a outra tradutora atrás e ao lado da câmera (*feedback*). Não se preocupou com o impacto da prosódia usada, adaptou a tradutória simultaneamente à Língua Portuguesa. Não usou a estratégia minorizante de Venutti (1995). Os surdos sentiram desconforto em relação à datilologia em frente do rosto, que atrapalhou a leitura e tornou desagradável a situação.

¹⁵ Quanto às gravações no estúdio da UEL, a visualização, com o fundo azul, foi considerada boa, mas infelizmente a tradução não se apresentou boa para aos candidatos surdos (nenhum deles foi aprovado no vestibular de 2012).

Figura 31: Dificuldades com soletração e prosódia



Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

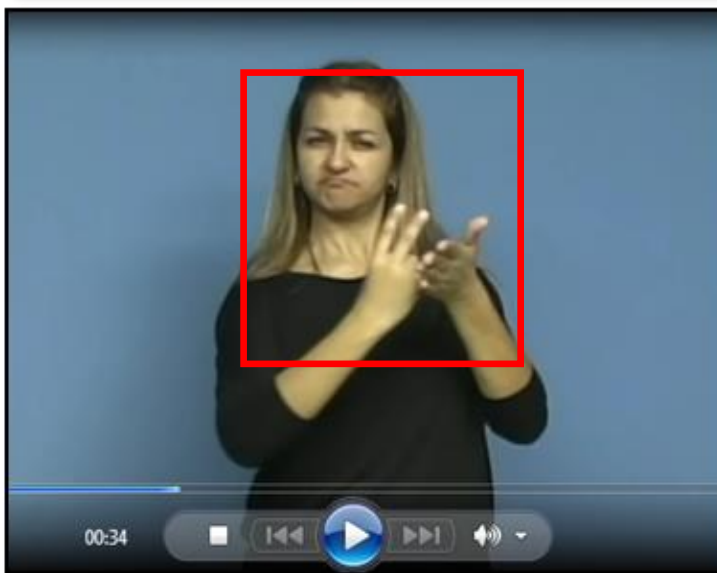
Mesma situação da figura 28. Soletração em frente do rosto, não foi boa para leitura da palavra soletrada. Foi feita muito rapidamente e não dava para entender a palavra (não tinha legenda). Os olhos ficaram sérios e perdidos, tentou corrigir a palavra (olhava para a tradutora atrás e ao lado da câmera, esperando *feedback*). Não houve adaptação na tradução cultural surda, e visualmente a leitura não foi boa.

Figura 32: Sinalização e oralização

Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

Sinalizar e oralizar (bimodal) ao mesmo tempo atrapalhou a tradução da questão. Então, para uma boa postura prosódica a tradutora poderia ter usado somente a sinalização “SÉCULO” e mostrar uma expressão facial de antigo/passado. Não deveria oralizar e os olhos ficaram sérios (deveria ser uma expressão neutra). O objetivo é traduzir o texto fonte – LP para o texto alvo – LS, e o uso de glosas teria sido importante para não seguir a interpretação simultânea e demonstrar a consciência da profissional em traduzir com boa fluência.

Figuras 33 e 34: Falta de clareza e necessidade de melhorar a prosódia



Fonte: Vídeo de CD cedida pela Coordenação COPS, da UEL - Paraná.

Traduzindo para Libras, primeiro sinalizou “PESSOA” e depois

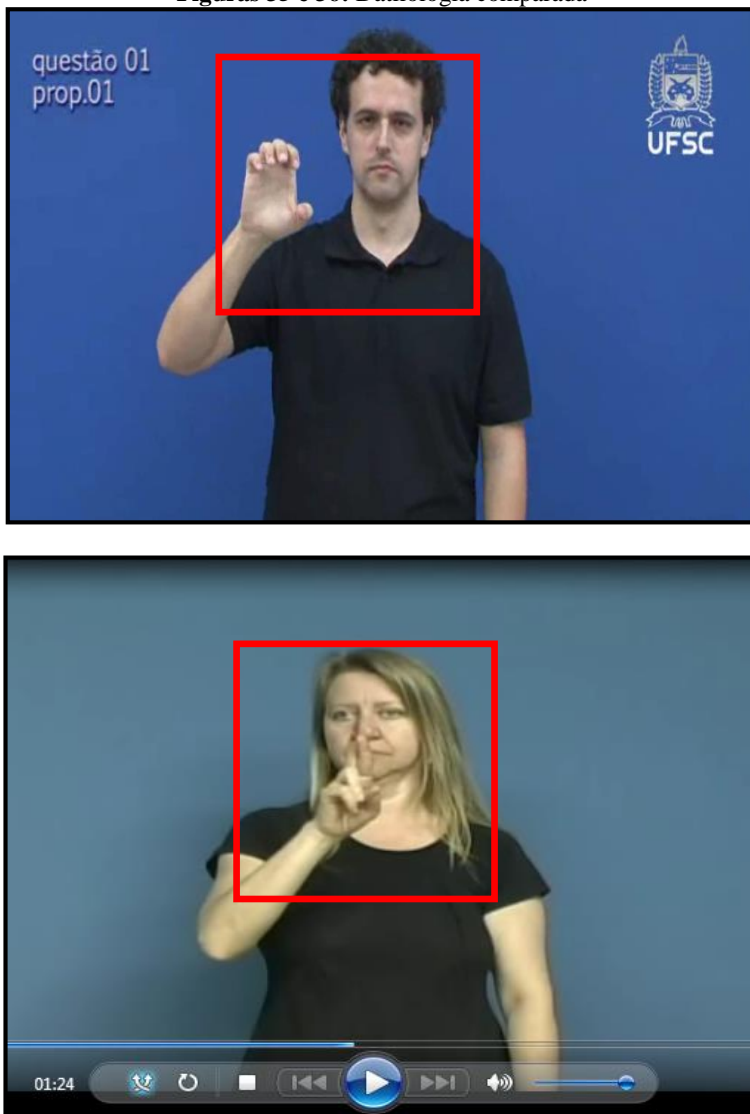
sinalizou “DESENHO”, mas a expressão facial/boca continuou igual. A tradutora não apresentou mudança da expressão. O processo tradutório precisa de clareza para ser compreendido pelos surdos, apesar de que os surdos focam muito na expressão facial (no caso, os olhares e a boca deveriam ser melhorados). A tradutora ouvinte não se preocupou com a mudança da expressão facial. Ainda faltou melhora da prosódia.

9.3. Comparativos das análises gerais da prosódia nos vídeos das provas traduzidas dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL

No que diz respeito à avaliação da prosódia nos vídeos das provas traduzidas dos vestibulares, é evidente a ação desta na tradução das questões. Neste trabalho, optou-se pela ideia de ajudar a padronizar as estratégias e processos de tradução para Libras, considerando a importância do trabalho dos vídeos para os surdos, público-alvo em questão, e do domínio da proficiência em Libras para a qualidade e boa fluência da tradução. E, os processos prosódicos simplesmente nunca podem faltar.

Importa ainda ressaltar, aqui, a necessidade de mostrar a análise geral acerca dos vestibulares UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, considerando a comparação entre os aspectos categoriais em foco nos estudos prosódicos de datilologia, olhos, boca, sendo que o último, classificador/descrição imagética.

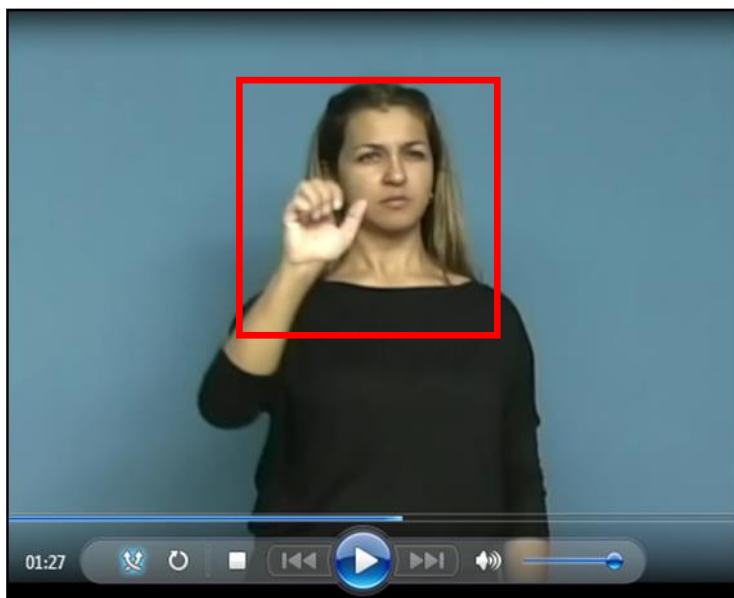
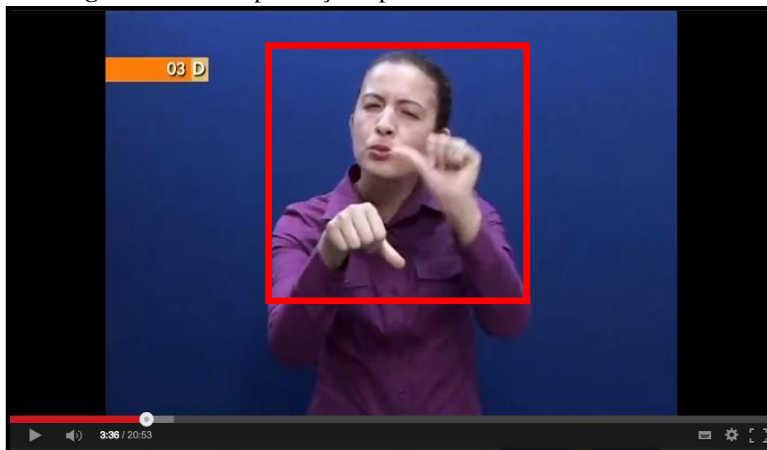
Para finalizar, seguem vídeos de tradução enfocando a comparação no uso dos elementos datilologia, olhos e boca, centrados nos tradutores de Libras, que mostra o que compromete o trabalho prático desenvolvido nos vídeos de provas vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL.

Figuras 35 e 36: Datilologia comparada

Conforme explicado anteriormente, a localização do uso da datilologia deve ser em frente ao corpo (peito) ou ao lado do rosto. Comparativamente, na tradução da prova do vestibular da UEL, a soletração em frente do rosto foi prejudicial. Na UFSC, o tradutor

mostrou as palavras soletradas ao lado do rosto, proporcionando boa visualização.

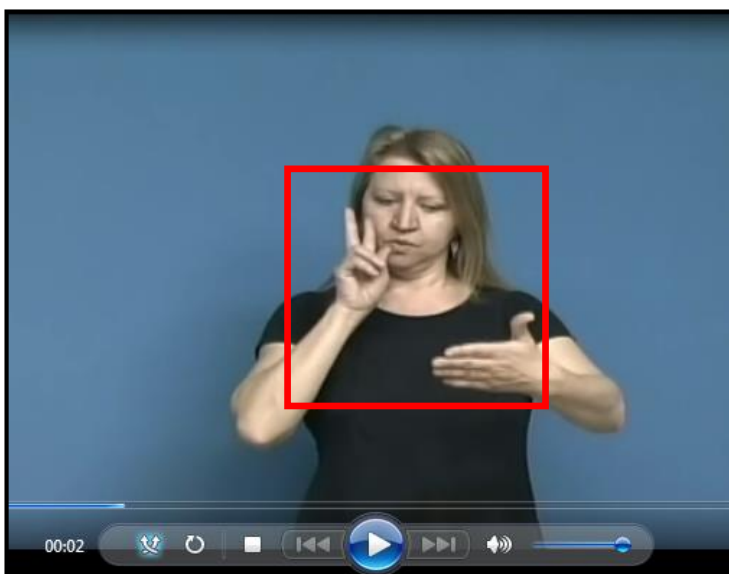
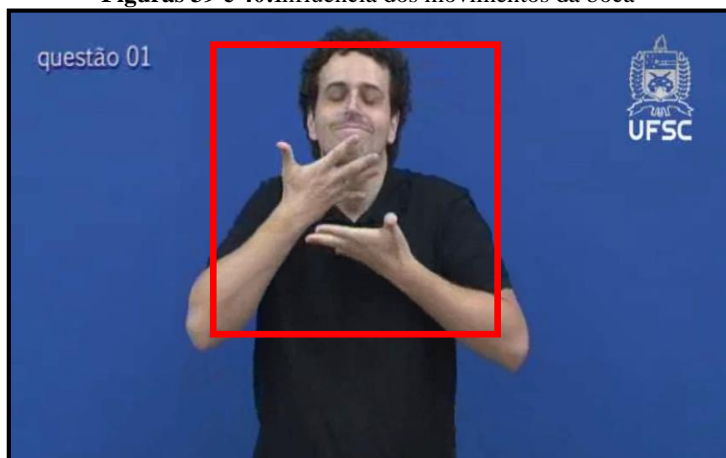
Figuras 37 e 38: A presença da prosódia nos olhos das tradutoras



No caso acima, a tradutora demonstrou fluência em Libras com expressão natural, os olhos não ficaram atentos somente à câmera na

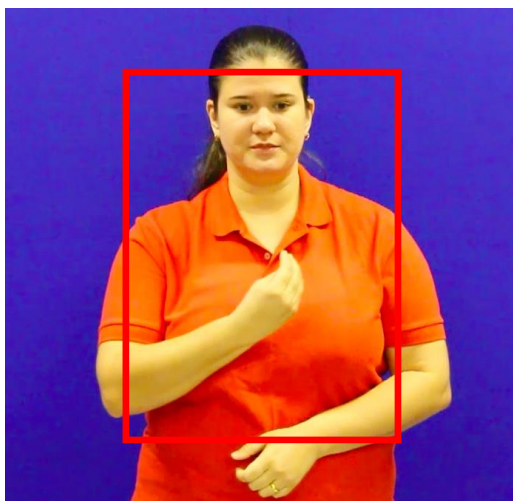
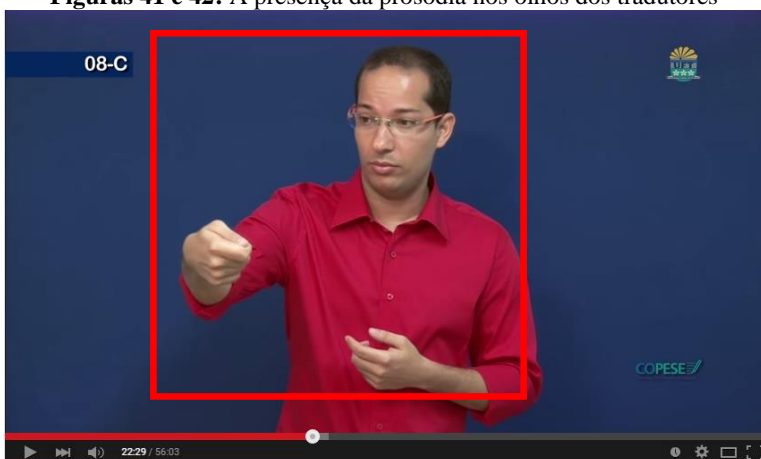
gravação. Faz sentido dizer que ela apresentou os aspectos prosódicos nos olhos, demonstrando sentir-se relaxada. Por outro lado, na parte de baixo, às vezes os olhos da tradutora focam pouco a câmera, desviando frequentemente em busca do *feedback* da colega. E as sobrancelhas que aparecem sérias também são um sinal de tradução inadequada.

Figuras 39 e 40: Influência dos movimentos da boca



Como já visto com a tradutora da UEL, ocorreu um processo bimodal, que pode atrapalhar o trabalho de tradução, pois ela só deveria se expressar, articulando a boca, para não influenciar o candidato. Durante a gravação do tradutor da USFC, este manteve com o movimento da boca, a expressão neutralizada e, positivamente, ele não apresentou influência que pudesse atrapalhar a visualização.

Figuras 41 e 42: A presença da prosódia nos olhos dos tradutores



Na figura 41, o tradutor fez movimentos com o olhar para diante, de forma a não prejudicar a prosódia. A mudança de direção do corpo e dos olhos deve, necessariamente, acompanhar o corpo. Após sinalizar o corpo se voltou na direção na câmera, com expressão natural e mostrando o corpo relaxado. Na figura 42, a tradutora demonstrou ter feito muitos movimentos do corpo, de modo repetitivo, dirigindo os olhos muito pouco na direção da câmera. Apresentou os marcadores prosódicos prejudicados com o movimento dos olhos para baixo (*feedback* do textual), sinalizados e soletrados com os olhos atentos e raramente usando uma expressão facial. Também não articula muitos movimentos da boca.

Figura 43: Prosódia na soletração da tradutora

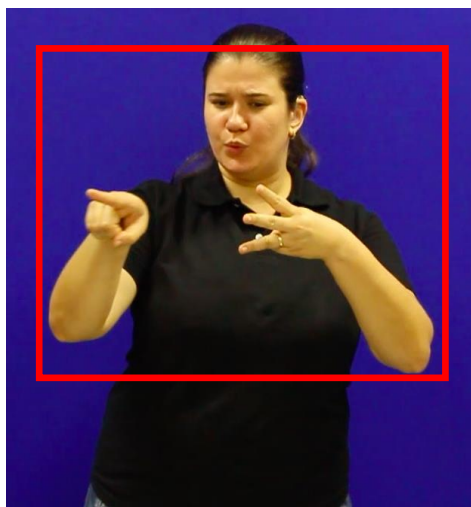
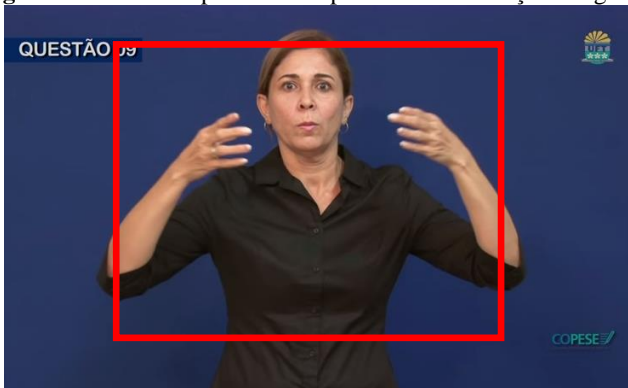


Figura 44: Prosódia na soletração da tradutora

Conforme explicado, o espaço da soletração deve ser em frente ao peito, mas a tradutora acima foca sempre as palavras e acaba deixando o movimento da mão que se move da direita para esquerda, não usou a orientação da formalidade.

Comparativamente, na tradução da prova do vestibular da UFT, a soletração foi em frente do peito e com menos movimentos (nem apresenta dos lados, fica no meio), posição de olhos na direção da câmera. Perceba-se que as sobrancelhas e bochechas são naturais (rosto proporciona boa visualização).

Figuras 45 e 46: Comparativos da prosódia na descrição imagética



São necessários cuidados para evitar um movimento complexo, devem ser mais naturais e formais. No caso das duas figuras acima, a prosódia é parecida. Essas tradutoras, já foi dito, proporcionam uma boa visualização. No entanto, observemos a posição da cabeça (direita-esquerda). Na figura de baixo, a tradutora fez vários movimentos da cabeça, movendo-a de forma repetitiva, na figura anterior, não. Sinalizam, com bastante clareza, a descrição imagética. Os olhos, as sobrancelhas e a movimentação da articulação (grau de mudança: fechar

e abrir, amplia a bochecha aumentativa e diminutiva) apresentam um bom nível.

Então, apenas as universidades UFSC, UFG, UFT, UnB apresentaram o uso dos classificadores/descrição imagética, e a universidade estadual UEL não apresentou.

Ao final destas comparações, mostra-se importante traduzir as questões dos vestibulares com clareza e com a qualidade dos processos prosódicos nas línguas de sinais. Sem a tradução para Libras, fica mais complexo para aos candidatos surdos.

As tabelas a seguir mostram os resultados das análises gerais dos elementos prosódicos aplicados, comparando as traduções das provas dos vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, serão divididas as três tabelas são: registros, categorias e resultados.

Vejamos aqui:

Tabela 01: Registrados os dados de *corpus* das provas vestibulares

Registros	Quantidades dos tradutores	Duração da prova	Questões	Legenda	Figuras do vídeo
UFG 2012	1 surda 1 ouvinte	48 minutos e 37 segundos	30	125	2
UEL 2012	1 surda 1 ouvinte	1 hora, 13 minutos e 43 segundos	60	0	0
UFSC 2014¹⁶	3 surdos 2 ouvintes	2 hora, 38 minutos e 04 segundos	Laranja Biologia História Geografia Matemática	8	57
UFT 2015¹⁷	1 surda 1 ouvinte	56 minutos e 04 segundos	15	4	8

¹⁶ Existem mais tradutores da UFSC, fiz somente com cinco tradutores: os três surdos e dois ouvintes. Analisadas as provas: Prova laranja (tradutor surdo), geografia (tradutor surdo), história (tradutor surdo), matemática (tradutora ouvinte) e biologia (tradutor ouvinte).

¹⁷ Somente as 15 questões, foram repetidas por 2 vezes. Após finalizar em todas as questões, teve mais uma vez repetida de revisão para todas as questões de 1 até 15.

UnB 2015¹⁸	1 surda	20 minutos e 60 segundos	60	25	10
------------------------------	---------	--------------------------	----	----	----

Elaborado pela autora.

Tabela 02: Categorias analisadas

Categorias	Datilologia	Olhos	Boca	CL/Descrição imagética
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina	Frente do peito	Direção para a câmera e os lados a lados (caso para DI)	Articula	Sim
	Sem movimento para aos lados		Raro de oralização no português	
UFG Universidade Federal de Goiás	Frente do peito	Direção para a câmera e o lado a lado (caso para DI)	Articula	Sim
	Pouco movimento para aos lados, rápido e demonstra os sinais		Oralização rara no Português	
UFT Universidade Federal de Tocantins	Frente do peito	Direção para a câmera e o lado a lado (caso para DI)	Articula	Sim
	Sem movimento para aos lados		Boca fechado	
UnB Universidade de Brasília	Frente do peito	Direção para a câmera em pouquíssimo, foca mais o baixo, e o lado a lado (caso para DI).	Articula	Sim
	Com movimento para aos lados		Raro de oralização no Português	
UEL Universidade Estadual de Londrina	Frente do rosto	Direção para <i>feedback</i> , perda, sérios e foca a direção câmera	Articula muito	Não
	Às vezes se move para os lados e rápido		Oralização e boca séria	

¹⁸ A prova tem 60 questões, analisei somente as 15 questões.

		pouquíssimo.		
--	--	--------------	--	--

Elaborado pela autora.

Tabela 03:Resultados os aspectos prosódicos

Resultados	Datilologia	Olhos	Boca	CL/ Descrição imagética
UFSC	628	Direção da câmera	Articula normal	6
UFG	127	Direção da câmera	Articula normal	5
UFT	2	Direção da câmera	Pouquíssima articulação	3
UnB	32	Direção aos lados e baixo	Pouquíssima articulação	5
UEL	51	Direção aos lados e <i>feedback</i>	Articula muito e sérios	0

Elaborado pela autora.

Finalizando, a pesquisa considera a necessidade de padronizar a tradução para Libras nos vestibulares, e a influência, principalmente, da prosódia na Língua de Sinais. Os candidatos surdos se caracterizam pela linguagem e leitura visuais. E a Libras é completamente falada pelas mãos e expressada pelas expressões facial e corporal. Por isso é a língua oficial dos surdos, sua primeira língua, aquela com a qual melhor se identificam.

O processo tradutório de Libras envolve a tradução cultural dos surdos, e não pode ser determinado pela estrutura da Língua Portuguesa. E a inclusão dos surdos nas universidades deve ser baseada nas mudanças de regras para os vestibulares em todas as universidades do Brasil. Para mudar a acessibilidade aos vestibulares devem ser oferecidas traduções adequadas para Libras nas provas em vídeos, menos a redação escrita da L2. Esclarecem os profissionais TILSP que se deve buscar estratégias para tal, e ter a consciência de que é preciso usar sinalizantes linguísticos claros para a Língua de Sinais.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, digo que as universidades inclusivas ainda não estão preparadas para receber os candidatos surdos no enfrentamento das provas de vestibular, deixando-os à mercê da reprovação. Assim, busquei conhecer o funcionamento das universidades, como a Universidade Federal de Santa Catarina, que apresentam técnicas e condutas que, em função de fatores como número de pesquisadores na área da surdez, tempo de atuação nesta mesma área, entre outros, respeitam a cultura surda.

Teve como objetivo investigar os aspectos constituintes prosódicos com as traduções para Libras dos vestibulares, em busca das estratégias para melhorar para aos tradutores e as provas para aos candidatos surdos no Brasil. Na análise linguística dos vídeos nos vestibulares UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, com utiliza os dados a prosódia, esses são observados por a comparação entre aos tradutores dos vestibulares entre Sul e Norte. A pesquisa foi importante, pois tive interesse de observar as prosódias da Língua de Sinais, especialmente as provas adaptados para os surdos. Acrescentados os elementos na tradução do vídeo pelos tradutores surdos e ouvintes foram exercem de várias funções linguísticas, apresentados os quatros tipos de categorias: Datilologia, Olhos, Boca e Classificadores/Descrição Imagética.

Apesar das diferenças de condutas na tradução em Libras dos exames vestibulares, é importante e necessário valorizar o trabalho dos tradutores da Língua de Sinais. O processo de tradução da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais em vídeo, para as provas de ingresso às universidades, ainda é um processo em construção. O número de universidades que o adotam é, ainda, relativamente pequeno se considerarmos o tamanho do nosso país, que é considerado continental. Mas também ficou claro o interesse das tradutoras que, apesar da falta de conhecimento do processo de forma global e da falta de acesso ao material necessário, empatizaram com os candidatos surdos e procuraram minimizar as dificuldades a partir das noções que possuíam.

Quanto às reflexões realizadas acerca das diferenças nas traduções, pode-se concluir que a tradução da prova de vestibular deve ser fiel ao texto de Libras e não à estrutura da Língua Portuguesa, para que os candidatos surdos possam entender as questões de vestibular. E isso vai exigir dos tradutores o domínio das duas línguas diferentes

(Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais – Libras) acrescido do conhecimento da cultura dos surdos.

Para isso, os profissionais envolvidos precisam ter conhecimento de novas práticas, embasando seu conhecimento nas teorias de Venuti e Jakobson, por exemplo, podendo, assim, enfrentar principalmente o desafio de traduzir, sem nunca desvalorizar a cultura surda. Entretanto, precisam também ter cuidado com a fluência e a prosódia, usando estratégias claras e tendo consciência da prática tradutória.

A sociedade brasileira ainda desconhece a língua dos povos surdos, a Libras, que é uma língua rica e completa em sua estrutura. As pesquisas em Estudos da Tradução, principalmente da área de tradução/interpretação de Língua Brasileira de Sinais – Libras, têm apresentado importantes resultados linguísticos para o reconhecimento oficial da Língua de Sinais. E a partir desses esforços e também da abertura das universidades ao universo surdo, espera-se que o acesso à cultura e ao mundo surdos se expanda, o que possibilitará um verdadeiro processo de inclusão.

Esta pesquisa foi desenvolvida ao longo de quase dois anos. É utopia pensar que a partir dela, apenas, possam se estabelecer novos caminhos de sucesso para aos candidatos surdos nos processos de inclusão nas universidades a partir dos vestibulares em todas as universidades no Brasil. Minhas preocupações e sugestões giram em torno da melhoria dos processos para que os candidatos surdos não se sintam desconfortáveis durante as provas de vestibular. Ajudará muito quando as estratégias de prosódia usadas na tradução da Língua de Sinais forem adequadas, evitando trabalhos tradutórios nos vídeos em Libras complexos e mal feitos.

Embora, o objetivo da pesquisa apresentada nesta dissertação tenha sido cumprido, pois abordou os resultados, obtidos ou não, dos candidatos surdos e a influência da prosódia nas traduções de Libras das provas vestibulares de UFSC, UFG, UFT, UnB e UEL, muito ainda precisa ser feito.

O que espero, por fim, é que os resultados aqui apresentados possam servir como material de estudo e reflexão, e como incentivo para a implantação de provas traduzidas conforme as normas da cultura surda em outras universidades para que estas também se tornem inclusivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Thais Fleury. **A questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de Letras – Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2010.

_____. **Entrevista com tradutores surdos do curso de Letras - LIBRAS da UFSC: discussões teóricas e práticas sobre a padronização Linguística na tradução de língua de sinais**. Artigo redigido para a disciplina de Seminário de Estudos de Língua de Sinais. Florianópolis, UFSC, ago. 2008.

_____. **O papel da tradução no desenvolvimento da língua de sinais brasileira, um breve histórico**. Artigo redigido para a disciplina de História da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2008.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra**: ou o albergue do longínquo Trad. TORRES, Marie-Hélène Catherine; FURLAN, Mauri, GUERINI, Andréia. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BARBOSA, Paulo Almeida. Das concepções primeiras ao recorte científico atual. 2008. In: **Enciclopédia Virtual de Psicolinguística**. <http://psicolinguistica.letas.ufmg.br/wiki/index.php/Pros%C3%B3dia>

BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Epée. (Texto originalmente publicado em francês em 1840). In: Lilian Cristine Ribeiro Nascimento, **Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/viewFile/1646/1493>

BRASIL. Decreto nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 22 de dezembro de 2005.

_____. Lei 10.098 - Acessibilidade. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras

providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 de dezembro de 2000.

_____. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília.

_____. Lei 12.319 de 01 de setembro de 2010. Brasília Presidência da República Congresso Nacional, 2010.

CALIXTO, Renato. M. F.; GARCEZ, R. L. O. ; OLIVEIRA, S. M. **Traduzir e interpretar**: incursões no mundo do outro ou atos de fronteira? Reflexões teóricas sobre o papel do intérprete a partir de uma perspectiva culturalista. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese de doutorado em Educação. Florianópolis: UFSC, 2008 In: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91182/258871.pdf?sequence=1>

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Dicionário digital **Aulete** **Caldas**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/pros%C3%B3dia#ixzz3cIzss89B>

DINIZ, Heloíse Gripp. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC/CCE, 2010.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org). **Bilinguismo dos surdos**: questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cênese, 2007.

FELIPE, Tanya Amara. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. In: **Bakhtiniana**. Revista de Estudo. Discurso vol.8 no.2 São Paulo July/Dec. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-45732013000200005&script=sci_arttext Acesso em: mai. 2015.

GARBE, Mariza. **O acesso à educação**: a situação do surdos. Londrina: UEL, 2008.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GUERINI, Andréia; PEREIRA, Maria Cristina. **Introdução aos estudos da tradução**. Curso de bacharelado em Letras-Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. Pessoas portadoras de deficiência e a falta de acessibilidade. **Qualidade de vida**, Piracicaba, v.2, n.9, fev., 2000.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e comunicação**. Trad. BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 64-65.

_____. **Linguística e comunicação**. Trad. BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de Doutorado, 2008, São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

LUCHI, Marcos. **Interpretação de descrições imagéticas**: onde está o léxico? Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2013.

MATEUS, Maria Helena Mira. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: **Encontro sobre o Ensino das Línguas e a Linguística**. APL e ESE de Setúbal 27 e 28 de Setembro de

2004, Portugal. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>

NICODEMUS, Brenda; SMITH, Caroline. **Prosody and utterance boundaries in ASL interpretation**. Proceedings of the Thirty-Second Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. University of New Mexico, 2006.

NICODEMUS, Brenda. **The use of prosodic markers to indicate utterance boundaries in American Sign Language interpretation**. University of New Mexico, 2007.

OLIVEIRA, Elaine Teresa Gomes. **Acessibilidade na Universidade Estadual de Londrina: o ponto de vista do estudante com deficiência**. Dissertação de Mestrado em Educação. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2003.

PERLIN, Gladis. As identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. *Sign language: an international handbook*. De Gruyter Mouton: Berlin/Boston, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC, SEESP, 2007.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

_____; SOUSA, Aline Nunes de; VARGAS, Roberto Dutra. Tradução do vestibular UFSC/2012 para a Libras. In: Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_quadrossousa.pdf

_____; SOUZA, Saulo Xavier. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas

tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice Muller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

_____; STUMPF, M.; OLIVEIRA, J. 2011. Avaliação de Surdos na Universidade. In: HEINING, Otília; FRONZA, Cática (Org.). **Diálogos entre linguística e educação**. v. 2. Edifurb. Blumenau.

_____; WEININGER Markus J. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais III**. Florianópolis: Insular / PGET/UFSC, 2014. SELS Série estudos de língua de sinais. v.3.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

SEGALA, Rimar Ramalho **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. UFSC: Florianópolis, 2010.

SILVA, Claudney Maria de Oliveira; SILVA, Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da. Tradução de provas para libras: uma proposta metodológica. In: **3º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. ago. 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_silvasilva.pdf

SOUZA, Saulo Xavier. Percepções da norma surda de tradução no Brasil: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC. In: QUADROS, Ronice Muller de, STUMPF, Marianne Rossi e LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**, 2013.

_____. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. Dissertação de Mestrado, Mestre em Estudos da Tradução: lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis-SC. Agosto – 2010, 174p.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

VALSECHI, Geisielen Santana. **O uso da datilologia LSB**. No prelo.

VENUTI, Lawrence. A tradução e a formação de identidades culturais. Tradução de Lenita R. Esteves. In: SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Fapesp, 1998.

_____. **Escândalos de tradução, por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **The translator's invisibility: a history of translation**. London/New York: Routledge, 1995.

REFERÊNCIAS DOS *SITES*

<<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/busca?q=Art.+27+do+Decreto+3298%2F99>> Acesso em: 29 de mar. 2014.

<<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=16&idart=309>> Acesso em: 27 de mar. 2014.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 27 de mar. 2014.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm> Acesso em: 20 de jul. 2015.